

DANIEL

O livro de Daniel (Dn) apresenta o profeta como contemporâneo dos reis babilônios Nabucodonosor II e seu filho Baltazar, e dos reis Ciro e Dario da Pérsia, portanto, atuando praticamente de 600 a 500 aC, o que parece improvável. Por outro lado, as visões dos caps. 7-12 caracterizam até nos pormenores o rei Antíoco IV Epífanes, perseguidor dos judeus no tempo dos macabeus (175-164 aC). Isso leva a pensar que o "quadro babilônico" seja fictício e que o livro seja um escrito de resistência do tempo dos macabeus: a memória do sábio judeu Daniel - exilado na Babilônia e mencionado em Ez 14,20 - serviria para oferecer visões alentadoras aos hassideus (= "piadosos") e aos macabeus em sua resistência contra Antíoco. Os estudiosos datam o livro no tempo de Judas Macabeu, um pouco antes de 164 aC, pois não menciona a reconquista do templo de Jerusalém nesse ano e, quanto à morte de Antíoco, ocorrida pouco depois, evoca-a numa maneira que não corresponde aos fatos históricos.

O texto apresenta nesta tradução, em conformidade com a Nova Vulgata (e com a Vulgata de S. Jerônimo), contém, além do texto da Bíblia hebraica (Dn 1-12), as histórias de Susana e de Bel e o Dragão (Dn 13-14) e os cânticos de Azarias e dos Três Jovens (inseridos no cap. 3), que se encontram somente no texto grego (Septuaginta e Teodocção, usado por Jerônimo). Estes trechos são considerados (deutero) canônicos pelas Igrejas Católica e Ortodoxa (as Igrejas da Reforma os consideram apócrifos, embora edificantes). Os capítulos 1-12 são compostos: a parte 1,1-2,4a é escrita em hebraico, 2,4b-7,28 na Língua imã, o aramaico, e os caps. 8-12 novamente em hebraico. Curiosamente, essa divisão lingüística não coincide com a divisão das matérias.

Conteúdo geral

A obra divide-se numa parte mais narrativa (Dn 1-6) e uma parte mais apocalíptica, visionária (Dn 7-12), seguida dos dois anexos, independentes um do outro, a história de Susana (Dn 13) e o episódio de Bel e o Dragão (Dn 14). A parte narrativa conta a vida de Daniel (e seus companheiros) na corte do rei da Babilônia (inclusive, as explicações dos sonhos do rei), enquanto a parte apocalíptica é uma visão da história do tempo de Antíoco Epífanes.

Os episódios dos caps. 2-6 (em aramaico) são cronologicamente independentes um do outro, ao passo que a cronologia do cap. 7 (1º ano de Baltazar) é continuada nos capítulos seguintes. Talvez o cap. 7 tenha constituído originalmente o fim das visões dos caps. 2-7 (narradas em aramaico), ulteriormente continuado (em hebraico) nos caps. 8-12. O cap. 1 (em hebraico) teria sido anteposto. Esquema (em grifo: partes aramaicas; com*: partes deutero-canônicas, tomadas do texto grego).

Temas específicos

- A apocalíptica e a compreensão ampla da história. O estilo apocalíptico, que já encontramos em Ezequiel (cf. Intr. a Ez) não é primitivo ou ingênuo, mas baseia-se numa visão ampla da história (talvez possibilitada pelo contato com a cultura grega). Deus dá a conhecer (apocalipse = "revelação") as grandes linhas da história, e isso, na ótica da vitória final dos justos. Os potentados pensam que dominam o mundo, mas a realidade profunda - aquela que o apocalíptico emerge - não é essa. O "apocalipse de Daniel" (Caps. 7 e 8-12) é um esboço de ampla envergadura, abrangente

Dn

Parte narrativa (1-6)		Apocalipse de Daniel (8-12)	Anexos deutero-canônicos
Daniel e seus companheiros em Babilônia (1) Sonho da estátua dos pés de barro (2) Episódio dos três jovens (+ cânticos) (3) Sonho da grande árvore (fim 3-4) Banquete de Baltazar (5) Daniel na cova dos leões (6)	A visão do filho do homem (7)	O carneiro e o bode (8) As setenta semanas (9) O anjo revelador e os sucessores de Alexandre; Antíoco Epífanes (10-11) A ressurreição dos justos; apoteose (12)	*História de Susana (13) *Bel e o Dragão (14)

do quatro séculos de história, desde os babilônios (por volta de 600) até os sucessores de Alexandre Magno, especialmente Antíoco Epífanes, por volta de 170 a.C. A visão ampla da história – os sucessivos surgimentos e declínios dos impérios (as quatro feras de Dn 7) – ensina aos “piebosos” (sásidim, os hassideus) que nenhum império deste mundo tem a última palavra. Se a historiografia anterior (Js, Jz, 1-2Sm e 1-2Rs; cf. Intr. aos Livros Históricos) representa a memória em tempos de soberania nacional, os apocalipses abrem a perspectiva histórica ampla em tempos de perseguição, a esperança do povo perseguido.

– A fidelidade ao Deus de Israel. Em todas as páginas lemos a fidelidade ao Deus de Israel em contexto contrário, quer de Daniel e os jovens na Babilônia, quer dos piebosos nos séculos anunciados nos caps. 6-12. Esta fidelidade não é apenas interior, mas exterior (observar as leis alimentares, não adorar as estátuas idólatricas) – mensagem valiosa no tempo da redação do livro, quando alguns judeus procuravam esconder sua circuncisão (cf. 1Mc 1,15). E também hoje.

– Os mártires. Em diversos momentos o livro de Daniel enfatiza os mártires, quer na realidade crua de sua morte por fidelidade à Aliança (o sumo sacerdote Onias, Dn 11,22; cf. 1Mc 12), quer à luz da proteção que Deus lhes confere (os três jovens, Dn 3; o

próprio Daniel, Dn 6). O tempo da redação final do livro (2º séc. a.C) é o tempo do martírio (a perseguição de Antíoco Epífanes), do qual nos informam os Livros dos Macabeus (sobre-tudo 2Mc).

– A futilidade do sistema babilônico e do sistema idólatra em geral. Divertem-nos as paródias que ocorrem no livro: a superioridade do regime alimentar judaico sobre os churrascos dos babilônios (1), a estátua do gigante dos pés de barro (2), os churrascos engolidos por sua própria fogueira (3), a loucura do rei (4), as feras que se devoram entre si (7), o engodo do culto idólatrico (14)... Lembra-se, porém, de que o principal visado dessas paródias não são os ídolos da Babilônia (550 a.C) e sim, o poder de Antíoco Epífanes e sua religião e cultura de importação grega, no tempo da redação do livro (165 a.C). Isso nos leva a atualizar para hoje a mesma crítica a toda forma de idolatria, ou seja, de sistemas que querem ocupar o lugar de Deus.

– A justiça de Deus vencedora da hipocrisia. A história de Susana (ausente do hebraico e precedendo Dn no texto grego) vem completar de modo feliz a visão apocalíptica “macro”, oferecendo uma olhada “micro” no cotidiano da comunidade judaica da Diáspora. O Deus que age na “grande história” age também no cotidiano: chama o “profeta das grandes visões” para desvendar a hipocrisia dos anciãos que assediam a casta Susana.

A HISTÓRIA DE DANIEL

[Daniel na corte do rei da Babilônia]

1 No terceiro ano do reinado de Joaquim em Judá, Nabucodonosor, rei da Babilônia, chegou a Jerusalém e pôs cerco à cidade. **2** O Senhor entregou, então, em suas mãos o rei de Judá, Joaquim, e parte dos objetos da Casa de Deus. Ele levou tudo para a terra de Senaar e guardou os objetos no tesouro do templo dos seus deuses.

3 Depois o rei deu ordem a Asfenez, o chefe do pessoal, para escolher entre os israelitas,

da família real ou da nobreza, ⁴alguns jovens sem qualquer defeito físico e de boa aparência, instruídos em toda a espécie de sabedoria, práticos no conhecimento, gente de ciência, capazes de servir na corte do rei. Ordenou também que se ensinasse a eles a literatura e a língua dos caldeus. ⁵O rei determinou que a alimentação diária deles fosse do seu próprio cardápio, e o vinho da mesa real. Deviam ser revigorados durante três anos, antes de comparecer à presença do rei. ⁶Entre eles estavam Daniel, Ananias, Mizael e Azarias, que eram judeus. ⁷O chefe do pessoal

▶ 1,1-21 **Daniel e três jovens judeus** são admitidos como **pagens na corte de Nabucodonosor**, mas eles recusam a alimentação pagã e **superam os outros em sabedoria**. • **1s** 2Cr 36,5-7. • **1** A data seria o ano 605 a.C, mas parece fictícia (não combina com os livros históricos). • **2** Senaar = a Babilônia, ou Caldéia. • **3** 2Rs 20,18. • **chefe do pessoal**, lit.: **camareiro-mor**. • **6** **Daniel**: o nome (= “juízo de Deus”) anuncia

deu-lhes outros nomes: Daniel passou a chamar-se Baltazar, Ananias, Sidrac, Misael, Misac, e Azarias, Abdênago.

⁸Daniel decidiu que não iria se contaminar com as comidas e o vinho da mesa do rei. Pediu, então, ao chefe do pessoal que o dispensasse dessa contaminação ⁹Deus fez com que Daniel ganhasse a simpatia daquele chefe do pessoal. ¹⁰Este lhe disse: "Eu só temo o meu senhor, o rei, que determino pessoalmente o que deveríeis comer e beber! Se ele notar os vossos rostos mais pálidos do que os dos outros jovens da mesma idade, vós me estareis condenando à morte perante o rei". ¹¹Daniel disse, então, ao guarda a quem o chefe do pessoal havia confiado Daniel, Ananias, Mizael e Azarias: ¹²"Faze uma experiência com os teus servos: durante dez dias tu nos darás para comer apenas vegetais e só água para beber. ¹³Depois, vais comparar a nossa aparência com a dos outros jovens que comem do cardápio do rei. Então, poderás fazer dos teus servos o que quiseres".

¹⁴Ele aceitou a proposta e fez a experiência por dez dias. ¹⁵Ao final dos dez dias eles estavam com melhor aparência e corpo mais sadio do que todos os outros jovens que comiam do cardápio do rei. ¹⁶A partir de então o guarda definitivamente eliminou aquelas iguarias e o vinho da alimentação deles, fornecendo-lhes apenas vegetais.

¹⁷Aos quatro rapazes Deus concedeu o conhecimento e a compreensão de toda a literatura, bem como a sabedoria e, a Daniel, especialmente, o dom de interpretar toda espécie de visão ou sonho.

¹⁸Ao fim do período determinado pelo rei para que os rapazes lhe fossem apresentados, o Chefe do Pessoal levou-os à presença de Nabucodonosor. ¹⁹O rei conversou com eles e não encontrou ninguém melhor do que Daniel, Ananias, Mizael e Azarias. Daí em diante eles ficaram prestando serviços diretamente ao rei.

²⁰Por tudo o que procurou saber deles em termos de conhecimento e sabedoria, o rei os considerou dez vezes mais capazes do que

todos os sábios e magos que havia no império. ²¹Aí permaneceu Daniel até o primeiro ano do rei Ciro.

[A grande estátua]

2¹No segundo ano de seu reinado, Nabucodonosor teve sonhos que o deixaram confuso a ponto de perder o sono. ²Mandou chamar os sábios, os magos, os adivinhos e os astrólogos para que viessem interpretar os sonhos do rei. Ao chegarem, foram levados à sua presença. ³Disse-lhes o rei: "Tive um sonho que me deixou com a mente confusa ao procurar entendê-lo". ⁴Os adivinhos disseram ao rei: **[texto em aramaico]** "Viva o rei para sempre! Conta o sonho a teus servos, e nós te daremos a explicação!" ⁵E o rei disse aos adivinhos: "O que falo é sério: Se não me disserdes como foi o sonho que tive e qual a sua interpretação, sereis esartejados e vossas casas, transformadas em entulho. ⁶Se disserdes, entretanto, qual foi o sonho e qual a sua interpretação, eu lhes darei vantagens, presentes e muitas homenagens. Dizei, pois, qual foi o sonho que tive e qual é a sua interpretação!" ⁷Os adivinhos tomaram a dizer: "Tu, ó Rei, nos dirás qual foi o sonho e nós daremos a sua interpretação". ⁸O rei respondeu: "Bem vejo que quereis ganhar tempo! Vós sabeis que o que falo é sério: ⁹se não me disserdes qual foi o meu sonho, vossa sentença é uma só. Combinastes mentir e tapear, enquanto o tempo vai passando. Basta dizerdes qual foi o meu sonho e eu terei certeza de que sereis capazes de interpretá-lo". ¹⁰Os adivinhos responderam ao rei: "Não há ninguém neste mundo capaz de deslindar esse caso do rei. Nenhum rei, governador ou ministro jamais pediu tal coisa a qualquer mago, feiticeiro ou adivinho". ¹¹O que tu, ó Rei, estás pedindo é difícil demais, não existe quem seja capaz de deslindar uma coisa dessas para ti, ó Rei, a não ser os deuses, que não convivem com a gente". ¹²A essas palavras, o rei, indignado e enfurecido, mandou matar todos os sábios da Babilônia.

sua atuação (sábio). • **8** ¹Lv 11,4-8; Est 4,17; Jr 35,6. • **9** ¹Gn 39,21. • **17** ²Am 2,11; Gn 41,12. **▶ 2,1-49** Nabucodonosor tem **um sonho que ninguém consegue interpretar**, a não ser o judeu exilado Daniel. O sonho se aplica, na realidade, ao império de Alexandre Magno e de Antíoco Epífanes, quatro séculos depois. • **1** ¹Gn 40,8,15; 41. • **2** ¹Is 47,12. • **2** **astrólogos**, lit.: *caldeus*. • **4** **texto em**

¹³Quando foi publicado o decreto que condenava os sábios à morte, procuraram Daniel e seus companheiros a fim de executá-los também. ¹⁴Daniel dirigiu-se, então, com inteligência e bons modos, a Arioc, carrasco chefe do rei, encarregado de matar todos os sábios da Babilônia, ¹⁵perguntando-lhe por que fora publicado um decreto tão severo da parte do rei. Arioc contou o caso a Daniel. ¹⁶Daniel procurou o rei para pedir um prazo a fim de que pudesse apresentar a solução do caso. ¹⁷Volto para casa e contou aos companheiros Ananias, Misael e Azarias o que estava acontecendo, ¹⁸para que pedissem ao Senhor do céu a graça de desvendarem esse segredo e não serem mortos com os outros sábios da Babilônia. ¹⁹O mistério foi, então, revelado a Daniel numa visão noturna. E ele glorificou ao Deus do céu, ²⁰proclamando:

"Bendito seja o nome do Senhor,
desde sempre e para sempre!
Pois sabedoria e capacidade
são coisas que dele vêm!

- ²¹ É ele quem muda os tempos e estações,
reis ele derruba e põe outros no lugar;
é ele quem aos sábios dá sabedoria
e inteligência a quem sabe discernir.
- ²² É ele quem revela o que existe de profundo
e também o escondido.
É ele quem sabe o que existe no escuro.
Com ele mora a luz.
- ²³ A ti, Deus de meus pais, eu louvo e
celebro,
pois tu me confiaste sabedoria e
capacidade,
e agora nos revelaste o que te pedimos,
desvendaste para nós o enigma do rei."
- ²⁴Depois disso, Daniel procurou Arioc, a quem o rei tinha encarregado de executar os sábios da Babilônia, e disse-lhe: "Já não precisas matar os sábios! Leva-me até o rei. Vou dar-lhe a interpretação que ele está querendo". ²⁵Mais que depressa, Arioc levou Daniel à presença do rei, dizendo: "Entre os exilados judeus, encontrei este moço que é capaz de explicar o sonho do rei". ²⁶O rei disse a Daniel, cujo nome era Baltassar: "Serás mesmo capaz de me contar e depois interpretar o

sonho que tive?" ²⁷E Daniel falou na presença do rei: "Sábios, feiticeiros, magos ou adivinhos não são capazes de decifrar o enigma proposto pelo rei. ²⁸Lá no alto, porém, existe o Deus do céu que revela os mistérios. Ele quis revelar a ti, ó Rei Nabucodonosor, o que vai acontecer nos últimos dias. O teu sonho, ó Rei, a visão que te veio à mente quando estavas dormindo, é a seguinte:

²⁹Tu, ó Rei, estavas na cama, os pensamentos andando à procura do que deve acontecer no futuro. E, então, Aquele que revela os segredos contou-te o que deve acontecer. ³⁰Não é por ter maior sabedoria do que os outros que deslindo essa questão. É apenas para que eu possa dar a explicação, fazendo-te saber que imagens te povoaram a mente.

³¹Tu, ó Rei, tiveste uma visão: Era uma estátua, grande como ela só, alta e muito brilhante. Ela surgiu bem diante de ti, ó Rei, e tinha aparência terrível. ³²A cabeça da estátua era de ouro maciço, o peito e os braços de prata, o ventre e as coxas de bronze, ³³as canelas de ferro e os pés eram parte de ferro e parte de barro. ³⁴Tu, ó Rei, estavas olhando a estátua quando, sem ninguém jogar, caiu uma pedra que veio bater exatamente nos pés de ferro e argila da estátua, quebrando-os. ³⁵Com isso, quebrou-se tudo o que era de ferro, de bronze, de prata e de ouro. Ficou tudo como se fosse palha no terreiro em final de colheita, palha que o vento carrega sem deixar sinal. Depois, a pedra que atingira a estátua se transformou numa montanha que cobriu o mundo inteiro.

³⁶Esse foi o sonho. Agora vou dar-te, ó Rei, a interpretação: ³⁷Tu, ó Rei, és o rei dos reis, a quem o Deus do céu concedeu poder, autoridade e fama. ³⁸Em todo o mundo habitado, ele te entregou os seres humanos, os animais silvestres e as aves do céu, dando-te o domínio sobre tudo. E tu, ó Rei, és a cabeça de ouro. ³⁹Depois de ti, ó Rei, ele fará surgir um outro reino, inferior ao teu, ó Rei, em seguida, um terceiro, o de bronze, a dominar sobre toda a terra. ⁴⁰O quarto império será duro como o ferro, pois assim como o ferro quebra e esmigalha tudo, assim também esse rei vai quebrar e esmigalhar todos os outros. ⁴¹Os

aramico (parêntese do texto original): a partir daqui até 7,28, o texto está em aramaico; cf. *Intr.*

• 20 ¹Ne 9,5; ²Jó 12,13; ³Pr 2,6. • 22 ¹Jó 4,1 • 37 ¹Ez 25,7. • 38 ¹Jr 27,6; ²Jr 11,7. • 40 ¹Jr 7,7.

pés e os dedos que tu, ó Rei, viste, parte de ferro e parte de barro, significam um império dividido. Ele ainda traz a dureza do ferro, já que tu, ó Rei, viste uma parte de ferro misturada com outra de argila. ⁴⁰Os dedos dos pés, metade de ferro e metade de barro significam que o tal império será firme por um lado, mas por outro será fraco. ⁴¹A mistura que tu, ó Rei, viste de parte de ferro e parte de argila significa também que os reinos tentarão unir-se através de casamentos, mas não conseguirão juntar-se, da mesma forma como o ferro não faz liga com a argila. ⁴²Na época desses reis o Deus do céu fará surgir um império que nunca há de ser destruído. Será um império que jamais passará para as mãos de outro povo. Ao contrário, ele é que há de humilhar e arrasar todos os outros impérios, enquanto ele mesmo permanecerá para sempre. ⁴³Tu, ó Rei, também viste aquela pedra que despenhou da montanha sem que ninguém a jogasse e esmigalhou o que era de ferro, de bronze, de prata e de ouro. O grande Deus mostrou assim ao rei o que está para acontecer em breve. O sonho é esse mesmo e sua interpretação está correta".

⁴⁰O rei Nabucodonosor prostrou-se, então, de rosto no chão diante de Daniel, mandando oferecer-lhe sacrifícios e incensá-lo. ⁴¹A Daniel o rei disse: "O vosso Deus é de fato o Deus dos deuses! É ele o Senhor dos impérios, é ele quem revela os mistérios, pois só ele foi capaz de deslindar essa questão". ⁴²O rei promoveu Daniel. Deu-lhe uma quantidade enorme de presentes e queria fazer dele o governador de todas as províncias da Babilônia e chefe geral de todos os sábios do país. ⁴³Daniel só pediu ao rei que nomeasse Sidrac, Misac e Abdênago para a administração das províncias da Babilônia, enquanto o próprio Daniel ficaria prestando serviços na ante-sala do rei.

[Os três jovens na fomalha]

3 ¹O rei Nabucodonosor mandou fazer uma estátua de ouro com trinta metros de altura por três de diâmetro e colocou-a na

planície de Dura, província da Babilônia. ²Em seguida mandou reunir os sátrapas, prefeitos, governadores, conselheiros, funcionários do tesouro, juizes, enfim, todas as autoridades do país, para a inauguração da estátua que ele havia construído. ³Reuniram-se, pois, os sátrapas, prefeitos, governadores, conselheiros, funcionários do tesouro, juizes, enfim, todas as autoridades do país, para a inauguração da estátua que o rei Nabucodonosor mandara fazer. Todos estavam de pé diante da estátua. ⁴O porta-voz do rei gritou forte: "Esta mensagem é para todos os povos, nações e línguas: ⁵Quando ouvirem o som de corneta, flauta, cítara, harpa, saltério, gaita e outros instrumentos musicais, devem todos por-se de joelhos para adorar a estátua de ouro erguida pelo rei Nabucodonosor. ⁶Quem não fizer isso, será imediatamente jogado na fomalha com o fogo aceso". ⁷Quando ouviram o som de corneta, flauta, cítara, harpa, saltério, gaita e outros instrumentos musicais, todos os povos, nações e línguas caíram de joelhos, adorando a estátua erguida pelo rei Nabucodonosor.

⁸Alguns caldeus quiseram denunciar os judeus ⁹e foram ao rei Nabucodonosor para dizer-lhe: "Viva o rei para sempre! ¹⁰Tu, ó Rei, decretaste que toda pessoa que ouvisse o som de corneta, flauta, cítara, harpa, saltério, gaita e outros instrumentos musicais, deveria colocar-se de joelhos para adorar a estátua de ouro. ¹¹E quem não se ajoelhasse para adorar deveria ser jogado na fomalha acesa. ¹²Pois bem, alguns judeus, que Tu, ó Rei, nomeaste governadores das províncias da Babilônia – são eles Sidrac, Misac e Abdênago – não respeitaram a tua ordem, ó Rei, não prestaram culto ao teu deus, não adoraram a imagem de ouro erguida por Ti, ó Rei,".

¹³Nabucodonosor, então, indignado e enfurecido, mandou buscar Sidrac, Misac e Abdênago. Eles chegaram à presença do rei. ¹⁴e este lhes perguntou: "Sidrac, Misac e Abdênago, foi de propósito que não prestastes culto ao meu deus e recusastes adorar a estátua de ouro que eu ergui? ¹⁵Agora, então, ficai preparados. Quando ouvirdes o som de corneta, flauta,

• 43 ¹1,6. • 44 ⁷14,27; Is 9,6; 1Cor 15,24. • 46 ⁷At 14,13.18. • 47 ³3,90; Dt 10,17; Sl 50,1. ▶ 3,1-23. **Recusando prestar ao rei a adoração devida ao Deus**, os três jovens são jogados na fomalha, mas **Deus os protege**. • 4 ⁷Ap 7,9; 13,7. • 6 ³Jr 29,21s. • 10 ⁷Ap 13,15. • 15 ⁷Ex 5,2; 2Rs 18,35; Is 36,20.

cítara, harpa, saltério gaita e outros instrumentos musicais deverão cair de joelhos e adorar a estátua de ouro que eu fiz! Se não adorardes, na mesma hora sereis atirados na fomalha com acesa. E qual é o Deus que vos há de livrar da minha mão?"

¹⁶Sidrac, Misac e Abodênago responderam: "Nem precisamos dar resposta a esta ordem.

¹⁷Existe o nosso Deus a quem cultuamos e ele nos pode livrar da fomalha acesa, salvando-nos da tua mão. ¹⁸Mas mesmo que isso não aconteça, fica sabendo, ó Rei, que não vamos prestar culto ao seu deus, nem vamos adorar a estátua de ouro construída por ti, ó Rei".

¹⁹Nabucodonosor ficou tão furioso contra os três, que seu rosto enpalideceu. Mandou, então, acender na fomalha um fogo sete vezes maior que o de costume, ²⁰em seguida, mandou que os soldados mais fortes do seu exército amarrassem os três e os atirassem na fomalha acesa. ²¹Amarraram, pois, Sidrac, Misac e Abodênago vestidos de suas túnicas, calções gorros e outras roupas e os atiraram na fomalha acesa. ²²Como a ordem do rei era rigorosa e o fogo da fomalha exagerado, as labaredas mataram aqueles que se aproximaram para atirar Sidrac, Misac e Abodênago. ²³Os três jovens, entretanto, caíram amarrados dentro da fomalha acesa.

[Cântico de Azarias]

²⁴Os três ficaram passeando por entre as chamas, cantando hinos a Deus e louvando ao Senhor. ²⁵Azarias, de pé, orou assim, soltando a voz no meio do fogo:

²⁶Bendito és tu, Senhor, Deus dos nossos pais! Que teu nome seja louvado e glorificado para sempre!

²⁷Pois foste justo em tudo o que por nós fizeste, as tuas doras são todas verdadeiras, retos, os teus caminhos e as tuas decisões são a verdade.

²⁸Foi justa a sentença que proferiste, justos os castigos que nos mandaste a nós e a Jerusalém, cidade santa dos nossos pais. Tudo aquilo nos mandaste foi sentença justa, por causa dos nossos pecados.

²⁹Sim! Pecamos! Foi um crime afastarmos de ti!

Em tudo praticamos o pecado,

³⁰jamais dando ouvidos aos teus preceitos. Não os guardamos nem pusemos em prática, como nos mandaste para o nosso bem.

³¹Todos os castigos, portanto, que nos aplicaste, tudo o que nos fizeste, foi sentença justa.

³²Tu nos entregaste nas mãos de inimigos desleais, perversos e covardes, à mercê de um rei injusto, o pior malfeitor em toda a terra.

³³E agora não podemos sequer abrir a boca: decepção e vergonha chegaram para teus servos, aqueles que te adoram.

³⁴Não nos abandones até o fim, por causa do teu nome.

Não rejeites a tua aliança,

³⁵não retires de nós o teu amor, por causa de Abraão, o teu querido, por causa de Isaac, o teu servo, por causa de Israel, o teu escolhido.

³⁶A eles tu falaste, prometendo multiplicar sua descendência como as estrelas no céu, como a areia que existe na praia.

³⁷Sim, Senhor, estamos reduzidos no meio de todas as nações, estamos hoje humilhados na terra inteira, por causa dos nossos pecados.

³⁸Não há, neste tempo, chefe, profeta ou liderança, não há holocausto, nem sacrifício, oferenda ou incenso, não há local para te entregar as primícias a fim de podermos encontrar misericórdia.

³⁹Mas, de alma esmagada e espírito humilhado sejam aceites, como holocaustos de carneiros, de touros

• 17 Dt 4,20; Sl 55,12; Is 43,2. • 18 Ex 20,3-5. • 23 fomalha acesa: Vg/NV acr. observação de S. Jerônimo: O que segue não encontrarei nos textos hebraicos (= aramaicos). - Os vv. 24-90 são acrescentados a partir da versão grega de Teodociano (nota 3,90) e faltam nas bíblias hebraica e protestante. ▶ 3,24-50 Dentro da fomalha, Azarias proclama a fidelidade ao Deus "de nossos pais". • 24 As bíblias hebraica e protestante contam como v. 24 o v. 91 da Vg/NV (= bíblia católica). nota v. 23. • 26-45 9,4-19; Ebd 9,6-15. • 27 Ne 9,33. • 27 verdadeiras... verdade: entenda-se: fidelidade. • 29 Br 1,17s. • 30 Ne 1,7. • 31 Dt 28,15,48; Lv 26,14.39 • 34 Ex 32,11-13 • 35 Is 41,8. • 35 O "Deus de nossos pais" (v. 26) é o "Deus de Abraão, Isaac e Jacó", Ex 3,6. • 36 G 15,5; 22,17. • 37 Dt 28,62. • 38 Os 3,4; Im 2,9; Sl 51,18s. • 39 Sb 3,6.

⁴⁰ e milhares de gordos cordeiros.
 Seja esse, agora, o sacrifício que te ofereçamos,
 e que, diante de ti ele seja completo,
 pois jamais haverá decepção para aqueles que em ti confiam.

⁴¹ Mas, agora, vamos te seguir sempre,
 de todo o coração,
 andando no temor e buscando a tua face.

⁴² Ah! Não nos deixes decepcionados!
 Mas trata-nos conforme a tua bondade,
 e tua misericórdia.

⁴³ Liberta-nos, repetindo os teus milagres,
 glorifica o teu nome, Senhor!

⁴⁴ Fiquem envergonhados
 aqueles que prejudicam teus servos,
 fiquem eles decepcionados
 com todo o seu poder e autoridade,
 e que a sua força seja esmagada.

⁴⁵ Fiquem eles sabendo, Senhor,
 que és o único Deus, glorioso por todo o mundo".

⁴⁶ Os funcionários do rei que tinham atirado os três jovens na fomalha, não paravam, contudo de alimentar o fogo com óleo combustível, piche, estopa e gravetos, ⁴⁷ tanto que as labaredas subiam uns vinte e cinco metros acima da fomalha, ⁴⁸ alcançando e queimando os caldeus que estavam por perto.

⁴⁹ O anjo do Senhor, porém, desceu para junto de Azarias e seus companheiros na fomalha. Impeliu as labaredas para fora da fomalha ⁵⁰ e fez surgir no meio da fomalha um vento úmido refrescante. O fogo não os atingiu nem causou-lhes qualquer incômodo.

[O cântico dos três jovens]

⁵¹ Os três, então, cantavam hinos, glorificavam e louvavam a Deus a uma só voz, dentro da fomalha, assim:

⁵² "Bendito és tu, Senhor, Deus dos nossos pais,
 sejas louvado e exaltado para sempre!
 Bendito seja o teu nome santo e glorioso!
 Sejas louvado e exaltado para sempre!"

⁵³ Bendito és tu em teu templo santo e glorioso,
 sejas superaclamado e superglorificado para sempre.

⁵⁴ Bendito és tu em teu trono de rei;
 sejas aclamado e bem superexaltado para sempre!

⁵⁵ Bendito és tu sentado sobre os querubins e observando as profundezas;
 louvado e glorificado para sempre!

⁵⁷ Bendizeis ao Senhor, todas as obras do Senhor;
 aclamai e superexaltai-o para sempre!

⁵⁸ Anjos do Senhor, bendizeis ao Senhor;
 aclamai e superexaltai-o para sempre!

⁵⁹ Céus bendizeis ao Senhor;
 aclamai e superexaltai-o para sempre!

⁶⁰ Águas todas que há acima do céu bendizeis ao Senhor;
 aclamai e superexaltai-o para sempre!

⁶¹ Todos os astros, bendizeis ao Senhor;
 aclamai e superexaltai-o para sempre!

⁶² Sol e lua bendizeis ao Senhor;
 aclamai e superexaltai-o para sempre!

⁶³ Estrelas do alto céu, bendizeis ao Senhor;
 aclamai e superexaltai-o para sempre!

⁶⁴ Chuva e sereno, bendizeis ao Senhor;
 aclamai e superexaltai-o para sempre!

⁶⁵ Ventos todos, bendizeis ao Senhor;
 aclamai e superexaltai-o para sempre!

⁶⁶ Morraço e calor, bendizeis ao Senhor;
 aclamai e superexaltai-o para sempre!

⁶⁷ Geada e frio, bendizeis ao Senhor;
 aclamai e superexaltai-o para sempre!

⁶⁸ Orvalho e neve, bendizeis ao Senhor;
 aclamai e superexaltai-o para sempre!

⁶⁹ Geleiras e frio, bendizeis ao Senhor;
 aclamai e superexaltai-o para sempre!

⁷⁰ Orvalho e neve, bendizeis ao Senhor;
 aclamai e superexaltai-o para sempre!

⁷¹ Noite e dia, bendizeis ao Senhor;
 aclamai e superexaltai-o para sempre!

⁷² Luzes e trevas, bendizeis ao Senhor;
 aclamai e superexaltai-o para sempre!

⁷³ Relâmpagos e nuvens, bendizeis ao Senhor;
 aclamai e superexaltai-o para sempre!

⁷⁴ Que a terra bendiga ao Senhor;
 que o aclave e superexalte para sempre!

⁷⁵ Serras e montanhas, bendizeis ao Senhor;
 aclamai e superexaltai-o para sempre!

⁷⁶ Tudo o que brota do chão, bendizeis ao Senhor;
 aclamai e superexaltai-o para sempre!

- ⁷⁷ Mares e rios, bendizeis ao Senhor;
aclamai e supereixaltai-o para sempre!
- ⁷⁸ Nascentes de água, bendizeis ao Senhor;
aclamai e supereixaltai-o para sempre!
- ⁷⁹ Monstros do mar e tudo o que nada
pelas águas, bendizeis ao Senhor;
aclamai e supereixaltai-o para sempre!
- ⁸⁰ Todas as aves do céu, bendizeis ao Senhor;
aclamai e supereixaltai-o para sempre!
- ⁸¹ Animais silvestres e domésticos,
bendizeis ao Senhor;
aclamai e supereixaltai-o para sempre!
- ⁸² Filhos dos homens, bendizeis ao Senhor;
aclamai e supereixaltai-o para sempre!
- ⁸³ Israel, bendizeis ao Senhor;
aclamai e supereixaltai-o para sempre!
- ⁸⁴ Sacerdotes do Senhor, bendizeis ao Senhor;
aclamai e supereixaltai-o para sempre!
- ⁸⁵ Servos do Senhor, bendizeis ao Senhor;
aclamai e supereixaltai-o para sempre!
- ⁸⁶ Espíritos e almas dos justos, bendizeis ao
Senhor;
aclamai e supereixaltai-o para sempre!
- ⁸⁷ Corações puros e humildes, bendizeis ao
Senhor;
aclamai e supereixaltai-o para sempre!
- ⁸⁸ Ananias, Azarias, Misael, bendizeis ao
Senhor;
aclamai e supereixaltai-o para sempre;
pois ele nos retirou da morada dos mortos,
salvou-nos da mão da morte,
livrou-nos do meio da fomalha acesa,
libertou-nos do fogo.
- ⁸⁹ Reconheci que o Senhor é bondoso,
que a sua misericórdia é para sempre.
- ⁹⁰ Bendizeis a Deus todos os que têm o
temor de Deus;
aclamai e reconheci que sua
misericórdia é para sempre
e pelos séculos dos séculos".

[A conversão do rei]

⁹¹ O rei Nabucodonosor ouviu o cântico dos
jovens e ficou muito admirado. Imediatamente

dirigiu-se aos ministros, dizendo-lhes: "Não foram três os homens que atiramos na fomalha?" Eles responderam: "Sem dúvida, ó Rei!" ⁹² E ele lhes disse: "Como, então, estou vendo quatro homens soltos e andando dentro da fomalha acesa, sem qualquer ferimento e o quarto com a aparência de um ser divino?" ⁹³ Nabucodonosor aproximou-se, então, da fomalha acesa e disse: "Sidrac, Misac e Abdênago, servos do Deus altíssimo, saiam daí!" Imediatamente os três saíram da fomalha. ⁹⁴ Reuniram-se os sátrapas, prefeitos, governadores e ministros do rei para ver os jovens. A fomalha não os tinha atingido em nada, nem os cabelos de suas cabeças se tinham queimado, nem as roupas sofreram qualquer dano, nem mesmo o cheiro da fumaça os tinha afetado. ⁹⁵ Nabucodonosor disse então: "Bendito seja o Deus de Sidrac, Misac e Abdênago, que mandou um anjo libertar seus servos que nele confiaram. Eles não fizeram caso do decreto do rei, e entregaram os próprios corpos, por se negarem a cultuar ou adorar outro deus que não fosse o Deus deles." ⁹⁶ E de minha parte fica estabelecido um decreto determinando que o indivíduo de qualquer povo, raça ou língua que disser alguma blasfêmia contra o Deus de Sidrac, Misac e Abdênago, seja esquarterado e sua casa transformada em entulho, pois não existe deus capaz de salvar igual a este." ⁹⁷ E promoveu Sidrac, Misac e Abdênago na província da Babilônia.

[A grande árvore]

⁹⁸ Do rei Nabucodonosor, a todos os povos, raças e línguas que existem neste mundo: "Muitas felicidades a todos!" ⁹⁹ Tantas coisas significativas e maravilhosas fez comigo o Deus Altíssimo, que me pareceu bem publicá-las.

¹⁰⁰ Como são grandiosos os seus sinais,
quanta força em seus milagres!
Seu império é eterno,
e sua autoridade atravessa gerações!

• 83 ^{Sl} 135,19. • 85 ^{Sl} 134,1. • 87 ^{Sf} 2,3. • 89 ^{Sl} 105,1; 136,1. • 90 ^{Sl} 50,1. • 90 ^{Vg/NV} acr.: *O que temos até aqui não se encontra no texto hebraico e foi traduzido da versão de Teodosião.* ^{nota} 3,23. **▶ 3,91-97 Nabucodonosor** emerge o anjo junto dos três jovens e **converte-se ao Deus que eles adoram.** • 92 ^{Is} 43,2. • 93 ^{1b} 11,34. • 95 ^{2,47}; 6,27. • 96 ^{2,5}. **▶ 3,98-4,34 Nabucodonosor publica**, numa carta, **a história de sua demência**, anunciada em sonho e **da qual só se recuperou adormecido ao Deus verdadeiro** (= "do Céu"): uma lição para todas as locuras do mundo. Daniel é chamado com o nome babilônio Baltassar. • 100 ^{2,44};

4¹Eu, Nabucodonosor, vivia tranqüilo em minha casa, feliz no meu palácio. ²Tive, então, um sonho que me assustou. Os fantasmas da minha cama, as visões de minha mente acabaram me perturbando. ³Por isso, publiquei um decreto, pelo qual mandava trazer à minha presença todos os sábios da Babilônia, para que me dessem a conhecer a interpretação do meu sonho. ⁴Vieram os magos, os adivinhos, os astrólogos e os feiticeiros. Conteí-lhes o sonho, mas eles não foram capazes de interpretá-lo. ⁵Veio, então, Daniel, chamado Baltassar por causa do nome do meu deus. Ele tem o espírito dos deuses santos.

Conteí-lhe o meu sonho: ⁶'Baltassar, chefe dos magos, sei que tens o espírito dos deuses santos e que nenhum mistério te enbaraça. Escuta a visão que tive num sonho e, depois, dá-me a interpretação. ⁷Na cama ia eu observando as imagens que me vinham à cabeça quando vi:

Lá estava uma árvore, bem no centro da terra!

E era ela muito alta.

⁸¹⁷A tal árvore cresceu e ficou forte, chegando o seu topo até o céu, e sua copa se alargou até o extremo da terra.

⁹¹²Folhagem bonita e frutos com fartura, nela havia alimento para todos! Debaixo dela tinham sombra os animais silvestres

e em seus galhos se aninhavam as aves do céu!

Dela se alimentava todo ser vivo.

¹⁰¹³Ta eu observando as imagens que em minha cabeça se formavam, quando apareceu um vigia santo descido do céu.

¹¹¹⁴Em alta voz ele gritou:
'Cortai a árvore! Cortai seus ramos!
Arrancai as folhas! Derrubai os seus frutos!
Fugi, feras, de sua sombra!

Fugi, pássaros, de seus galhos!

¹²¹⁵Deixai no chão, porém, o tronco com as raízes
numa corrente de ferro e de bronze,
no meio da grama do pasto.

Que ele seja orvalhado pelo sereno do céu, tenha o mesmo destino que os animais silvestres e a erva rasteira.

¹³¹⁶O coração humano lhe seja tirado e um coração de animal lhe seja dado. Sete eras por ele hão de passar.

¹⁴¹⁷Está resolvido no decreto dos vigias, o que decide é a palavra dos santos, para que todo ser vivente reconheça que é o Altíssimo quem manda nos impérios humanos

e põe como rei a quem ele quer.

Seja ele mais humilde dos homens, querendo, o Altíssimo o põe nas alturas'.

¹⁵¹⁸Foi esse o sonho que tive eu, o rei Nabucodonosor. Tu, agora, Baltassar, vais dar-me a interpretação deste sonho. Nenhum sábio do meu império foi capaz de dar-me a interpretação, mas tu podes, porque tens o espírito dos deuses santos'.

¹⁶¹⁹Daniel, que se chamava também Baltassar, ficou uma hora apavorado, as idéias fervilhando. Disse-lhe o rei: 'Baltassar, não deixes que este sonho ou o seu significado te apavorem.' Baltassar respondeu: 'Meu senhor, que o sonho valha para os teus inimigos, que o seu significado seja para os teus adversários! ¹⁷²⁰Tu, ó Rei, viste uma árvore muito grande e forte. Seu topo atingia o céu e a copa podia ser vista do mundo inteiro. ¹⁸²¹Sua folhagem era bonita e tinha frutos suficientes para alimentar todo o mundo. À sua sombra viviam os animais silvestres e nos ramos aninhavam-se as aves do céu.

¹⁹²²Pois bem, essa árvore és tu, ó Rei, tão grandioso, tão magnífico! A tua grandeza, ó Rei, é tal que alcança até o céu, e teu poder vai até os confins do mundo. ²⁰²³Tu, ó Rei, viste também um vigia santo que descia do céu e dizia: 'Derrubai a árvore, destruí-a! No chão, porém deixai só o tronco com as raízes, numa corrente de ferro e bronze, no meio da grama do pasto. Que ele seja orvalhada pelo sereno do céu e tenha o mesmo destino que os animais silvestres. Sete eras por ele hão de passar. ²¹²⁴Eis a explicação, ó Rei: Aqui estão os decretos do Altíssimo que dizem respeito a ti, ó Rei, meu senhor: ²²²⁵Tu, ó Rei, serás tirado da companhia

4,31. • **C** 4,1-5²,1-3.10. • **4** *astrólogos*, lit.: *caldeus*. • **5**²,28,47; 5,11. • **7**⁷Ez 31,3-14. • **10**⁷,9s; 10,13.21. • **14**²,21; Jô 36,7-11. • **14** *vigias*: nome para os anjos, muito comum nos livros apócrifos (Henoc). • **16** Os vv. 16-30 falam de Nabucodonosor na 3ª pessoa, enquanto em 3,31-4,15 e 4,31-34 ele mesmo conta a história, na 1ª pessoa. • **22**³,100.

dos homens e obrigado a morar com os animais silvestres. Capim, como aos bois, é o que lhe darão para comer. Tu, ó Rei, terás de viver no sereno e sete anos hão de passar até que o rei aprenda que é o Altíssimo quem manda nos impérios dos homens e dá o poder a quem ele quer. ²³ Mandaram deixar o tronco com as raízes. Significa que o teu império ficará de pé, desde que tu, ó Rei, reconheças que é o Céu quem manda. ²⁴ Neste sentido, ó Rei, te seja agradável o meu conselho: paga teus pecados praticando a compaixão e repara tuas faltas cuidando dos pobres. Talvez assim tua felicidade possa durar”.

²⁵ Tudo isso aconteceu ao rei Nabucodonosor. ²⁶ Doze meses mais tarde, estava ele passeando no terraço do seu palácio em Babilônia. ²⁷ Ia falando consigo mesmo: “Aí está a grande Babilônia que construí para moradia do rei, com o poder da minha autoridade e para o esplendor da minha glória!” ²⁸ Ainda falava, quando uma voz do céu se fez ouvir: “Rei Nabucodonosor, fica sabendo que perderás teu poder real! ²⁹ Serás tirado da companhia dos homens para morar com os animais silvestres. Deverão alimentar-te com capim como se fosses um boi; e sete anos deverão passar até que aprendas que é o Altíssimo quem manda nos impérios dos homens e dá o poder a quem ele quer”. ³⁰ Na mesma hora essa palavra se cumpriu para Nabucodonosor. Ele foi retirado do meio das pessoas, passou a comer capim como boi e a ficar no sereno. Seu cabelo ficou enrijecido como penas de águia e as unhas cresceram como unhas de passarinho.

³¹ “Terminada aquela fase, eu, Nabucodonosor, levantei os olhos para o céu e a consciência me voltou. Passei, então, a bendizer o Altíssimo e a glorificar Aquele que vive eternamente. Seu poder é eterno, seu domínio atravessa as gerações! ³² Os habitantes do mundo diante dele nada valem, ele trata como quer os astros do céu e os habitantes

do mundo. Ninguém há que resista à sua mão ou possa perguntar-lhe: ‘Que fizeste?’

³³ Naquele momento a consciência me voltou e, para o esplendor da minha autoridade de rei, também voltaram minha glória e majestade. Meus ministros e conselheiros foram procurar-me. Fui recolocado em minha autoridade real e meu poder ficou ainda maior. ³⁴ Agora, então, eu, Nabucodonosor, louvo, exalto e glorifico o rei do céu, porque tudo o que ele faz é honesto, seus caminhos são justos, e a quem anda com soberba ele sabe rebaixar!”

[O banquete do rei Baltazar]

5 ¹ O rei Baltazar fez um grande banquete para mil altos funcionários seus e, na presença desses mil, se pôs a beber vinho. ² Tocado pelo vinho, Baltazar mandou trazer os cálices de ouro e prata que seu pai, Nabucodonosor, tinha retirado do templo de Jerusalém, para neles beberem o rei, os altos funcionários, suas esposas e concubinas. ³ Trouxeram, pois, os cálices de ouro tirados do templo que havia em Jerusalém; e neles começaram a beber o rei, seus altos funcionários, suas esposas e concubinas. ⁴ Bebiam vinho e louvavam seus deuses de ouro, prata, bronze, ferro, madeira ou pedra.

⁵ Naquele momento surgiu um dedo de mão humana riscando traços no reboco da parede do palácio real. O rei acompanhou com o olhar a mão que riscava. ⁶ Seu rosto mudou de cor, os pensamentos se embaralharam, sua espinha parecia desconjuntar-se, os joelhos batiam um no outro. ⁷ Aos gritos começou a chamar os magos, feiticeiros e adivinhos, dizendo assim: “Qualquer sábio da Babilônia que seja capaz de decifrar esses traços e dar a sua interpretação, há de vestir a púrpura com o corcão de ouro ao pescoço e será a terceira autoridade no império. ⁸ Vieram todos os sábios da Babilônia, mas nenhum conseguia decifrar os riscos e dar-lhe a interpretação. ⁹ O rei ia ficando cada vez mais perturbado e mais pálido e

• **24** Pr 19,17; Eclo 3,30s. • A “conversão” que Daniel aconselha não é que Nabucodonosor mude de religião, mas sirva ao “Deus do céu” – não aos ídolos da terra – na justiça e na bondade (Tg 1,27). • **27** Pr 16,18. • **29** vs 21. • **31** 3,100. • **32** vs 9,12; Is 40,17. • **33**; Ic 1,52; 18,14. ▶ **5,1-30** “*História exemplar*” do fim do império babilônio, no tempo de Nabonides e Baltazar. • **1** Baltazar pode ser o filho de Nabucodonosor, Nabonides, que perdeu o reinado para Ciro, rei da Pérsia, em 539 aC, ou o filho de Nabonides, que de fato é conhecido sob um nome semelhante. • **2** 1,2. • **4** 2,35; Br 6,3; Ap 9,20. • **7** 2,2.6.48; Gn 41,42s; Est 8,15. • **3** cálices... do templo: este detalhe dá ao banquete um tom de sacrilégio, superindo do sacrilégio e as orgias de Antíoco Epifanes no

seus altos funcionários, perdidos de susto.

¹⁴Alamada com os gritos do rei, a rainha-mãe entrou na sala do banquete e disse: "Viva o rei para sempre! Não deixes tuas idéias se confundirem, nem fiques pálido deste jeito!

¹⁴Existe uma pessoa no teu império que tem o espírito dos deuses santos. No tempo do rei, teu pai, achavam que ele possuía uma inteligência e uma luz parecida com a sabedoria dos deuses. O rei Nabucodonosor, teu pai, fez dele o chefe dos sábios da Babilônia, dos magos, dos feiticeiros e dos astrólogos. ¹²Pois bem, já que esse Daniel, a quem o rei deu o nome de Baltassar, tem tanto espírito, conhecimento e luz para interpretar os sonhos, decifrar os enigmas e desatar os nós, mandai chamá-lo, que ele dará a interpretação.

¹³Daniel foi, então, levado à presença do rei, que lhe perguntou: "És tu esse tal Daniel que meu pai trouxe entre os exilados de Judá?

¹⁴Ovi falar que tens o espírito dos deuses, que tens muita luz, muita inteligência, muita sabedoria. ¹⁵À minha presença compareceram sábios e adivinhos para me decifrar estes traços e explicar sua interpretação, mas não foram capazes de me mostrar o significado de nada.

¹⁶De ti, porém, ovi falar que és capaz de dar interpretações e de desfazer emaranhados. Agora, então, se fores mesmo capaz de decifrar esses traços e explicar seu significado, irás vestir a púrpura, com o cordão de ouro ao pescoço, como terceira autoridade no meu império".

¹⁷Daniel respondeu ao rei: "Fica com teus presentes ou dá a outros o teu prêmio. Vou decifrar os traços e explicar o seu significado.

¹⁸O Deus Altíssimo foi quem deu o império, a grandeza, o prestígio e a fama ao teu pai, Nabucodonosor. ¹⁹Por causa da grandeza que Deus lhe deu, todos os povos, nações e línguas tremiam e tremiam diante dele, pois ele matava ou deixava vivo a quem queria, exaltava ou humilhava à vontade. ²⁰Ficando, porém, com idéias de grandeza e espírito soberbo, orgulhoso, foi demitido do seu trono real e perdeu a majes-

tade. ²¹Foi afastado da companhia dos seres humanos, pois sua mente se tomara igual à dos animais, em cuja companhia passou a morar, alimentando-se de capim como os bois, enquanto o sereno orvalhava-lhe o corpo. Assim ficou, até aprender que o Deus altíssimo é quem manda nos impérios humanos e dá o poder a quem lhe agrada. ²²Tu, porém, filho dele, Baltazar, não tiveste um coração humilde, apesar de saberes disso. ²³Tu te julgaste maior que o Senhor dos céus e trouxeste para cá os cálices do seu templo, a fim de que tu, teus ministros, esposas e concubinas meles bebessam vinho, louvando os deuses de prata ou ouro, de bronze, de ferro, madeira ou pedra, deuses que não enxergam, não escutam, não entendem. Ao Deus, porém, em cujas mãos está toda a tua vida e todo o teu caminho, tu não glorificaste.

²⁴Foi por isso que ele mandou fazer esses riscos.

²⁵Eis o que está naqueles traços: Mira, Siclo e Feres. ²⁶A interpretação disto é a seguinte: Mira vem de contar. Deus contou o tempo do teu reinado e já acabou. ²⁷Siclo vem de pesar: Deus te pesou na balança e te faltava peso. ²⁸Feres vem de dividir: o teu império será dividido e entregue aos medos e aos persas".

²⁹Baltazar mandou vestir Daniel com a púrpura e colocar-lhe ao pescoço o cordão de ouro, proclamando-o terceira autoridade no império. ³⁰Nessa mesma noite, porém, Baltazar o rei dos caldeus foi morto.

[Daniel na cova dos leões]

⁶¹₃₂Dario, o medo, sucedeu-lhe no império, com a idade de sessenta e dois anos.

²Pareceu bem a Dario nomear cento e vinte sátrapas com autoridade por todo o império.

³Acima deles havia três ministros, e Daniel era um dos três, a quem se devia prestar as contas, a fim de não incomodar o rei.

⁴Ora, Daniel estava acima dos outros ministros e sátrapas, pois tinha um espírito tão fora do comum que o rei estava pensando em dar-

templo de Jerusalém (cf. 8,13). • **12** ¹,17. • **18** ²,37. • **21** ⁴,13,29. • **23** ¹Jo 12,10; 34,21. • **25** Em palavras aramaicas: *meta*, *tegel* e *fersin*, muitas vezes interpretadas como palavras misteriosas, mas na realidade palavras comuns, significando três unidades de medidas, cujos traços ou símbolos apareceram na parede (a mesma palavra aramaica significa "escrever/traçar/desenhar"). A interpretação baseia-se na raiz verbal de cada medida: *mira*, "contar"; *siclo*, "pesar" e *ferses*, "dividir". • **29** ⁵,7. • **30** nota 5,1. • **6,1-29** Vítima da inveja, **Daniel é lançado aos leões**, mas também lá **Deus o protege** por meio de seu anjo. **O rei pensa**, Dario, sucedendo aos babilônios, **reconhece o culto do Deus de Israel**. • **1 medo**: habitante da Média, país vizinho da Babilônia e da Pérsia. • **2 sátrapas** = governadores regionais no Império medo-persa. • **3** ⁵,29. • **4** ¹,19s. • **espírito**:

lhe autoridade sobre todo o império. ⁵ Foi então que os ministros e sátrapas começaram a procurar uma oportunidade para surpreender Daniel em algum deslize contra os interesses do império. Mas nada puderam encontrar de suspeito, já que ele era muito honesto e nada conseguiram achar de incorreto. ⁶ Tiveram, então, de reconhecer: "Nada vamos encontrar para acusar nesse Daniel a não ser assuntos ligados ao seu Deus". ⁷ Esses ministros e sátrapas foram, pois, dizer ao rei: "Viva o rei Dario para sempre! ⁸ Os ministros todos, os prefeitos, governadores, sátrapas, conselheiros, todos estão de acordo com que tu, ó Rei, faças um decreto determinando que toda pessoa que no prazo de trinta dias fizer alguma prece a um outro deus ou homem que não sejas tu, ó Rei, seja jogado na cova dos leões. ⁹ Agora, então, ó Rei, sanciona essa lei, põdo tua assinatura neste documento para que, de acordo com a legislação dos medos e dos persas, ela não possa mais ser alterada ou modificada. ¹⁰ E o rei Dario assinou o documento, sancionando a lei.

¹¹ Daniel, ao saber que o rei tinha assinado o decreto, foi para casa. No andar de cima havia uma janela que dava para o lado de Jerusalém. Três vezes ao dia ele ali se ajoelhava para orar e louvar o seu Deus como sempre fazia. ¹² Os tais indivíduos correram lá e surpreenderam Daniel orando, fazendo preces a seu Deus. ¹³ ¹² Imediatamente foram denunciá-lo ao rei: "Tu, ó Rei, não assinaste um decreto segundo o qual qualquer pessoa que, no prazo de trinta dias, prestasse culto a qualquer deus ou homem que não seja tu, ó Rei, fosse atirado na cova dos leões?" O rei respondeu: "A decisão é definitiva e não pode ser revogada, de acordo com a legislação dos medos e dos persas". ¹⁴ Eles, então, disseram ao rei: "Daniel, dessa gente exilada de Judá, não deu importância ao teu decreto, ó Rei - uma lei assinada pelo rei! -, e continua fazendo suas orações três vezes ao dia". ¹⁵ Ao ouvir essa notícia, o rei sentiu-se mal e ficou preocupado com Daniel, pensando em salvá-lo. Até o pôr-do-sol ficou tentando livrá-lo, ¹⁶ mas os tais procuraram o rei para dizer-lhe: "Tu, ó Rei, bem sabes que a lei entre os medos e persas é que um decreto sancionado pelo rei não pode ser modificado!"

¹⁷ O rei mandou, então, trazer Daniel para ser jogado na cova dos leões. O rei disse a Daniel: "O teu Deus a quem tu sempre cultuas há de livrar-te!" ¹⁸ Trouxeram uma pedra para fechar a entrada da cova. Em seguida o rei lacrou a pedra com a sua marca e a marca dos seus secretários, para que ninguém alterasse nada na situação de Daniel.

¹⁹ O rei voltou para o palácio, ficou em jejum aquela noite, não lhe levaram as mulheres e ele perdeu o sono. ²⁰ No dia seguinte, levantou-se bem cedo e foi logo para a cova dos leões. ²¹ Chegando à cova, onde estava Daniel, o rei, aflito, gritou: "Daniel, servo do Deus vivo, teu Deus, a quem sempre cultuas, foi capaz de livrar-te dos leões?" ²² Daniel falou: "Viva o rei para sempre! ²³ Meu Deus mandou seu anjo para fechar as bocas dos leões e eles não me incomodaram, pois fui considerado inocente diante de Deus da mesma forma como também contra ti, ó Rei, nenhum crime cometí!". ²⁴ O rei ficou contentíssimo e deu ordens para tirarem Daniel da cova. Quando o tiraram não encontraram nele um arranhão sequer, pois ele havia confiado no seu Deus. ²⁵ O rei mandou, então, trazer aqueles indivíduos que tinham acusado Daniel, e com eles também suas esposas e filhos, e deu ordens para atirá-los todos na cova dos leões. Antes que chegassem ao fundo, os leões já os iam agarrando e esmigalhando-lhes os ossos.

²⁶ O rei escreveu, então, a todos os povos, nações e línguas que existem no mundo: "Muitas felicidades! ²⁷ Estou promulgando o seguinte decreto: Por toda a parte onde chega o poder de minha autoridade de rei, estão todos obrigados a temer e respeitar o Deus de Daniel,

pois ele é o Deus vivo, firme para sempre. Sua autoridade jamais é ofendida e seu poder é infinito.

²⁸ Ele quem liberta, salva e produz sinais e prodígios no céu e na terra.

Foi ele quem libertou Daniel das garras dos leões".

²⁹ Daniel teve muito êxito tanto no reinado de Dario, quanto no de Ciro, rei dos persas.

VISÃO DO FILHO DO HOMEM

[Os impérios ferozes e o filho do homem]

7^hNo primeiro ano do reinado de Baltazar na Babilônia, Daniel teve um sonho. Imediatamente escreveu as imagens que lhe povoaram a mente enquanto dormia. Assim começa: ²Isto falou Daniel: "Durante a noite eu tive esta visão: os ventos dos quatro cantos do mundo reviravam o mar imenso. ³Quatro feras enormes foram surgindo, então, do meio do mar, cada uma diferente da outra. ⁴A primeira parecia um leão, só que tinha asas de águia. Estava eu olhando, quando lhe arrancaram as asas e suas patas foram se erguendo do chão, ficando ela de pé como gente. E deram-lhe um coração humano. ⁵Apareceu outra fera. Tinha a figura de um urso. Estava de pé sobre duas patas e tinha na boca entre os dentes três costelas. Disseram-lhe: "Avante, come bastante carne!" ⁶Depois vi uma outra fera, parecida com um leopardo. Só que tinha nos lombos quatro asas de pássaro e tinha também quatro cabeças. Foi-lhe dada autoridade. ⁷Em seguida, em minhas visões noturnas, vi a quarta fera. Era medonha, terrível e muito forte. Tinha enormes dentes de ferro, comia e esmagava tudo e macetava com os pés o que sobrava. Era diferente das outras feras, porque tinha dez chifres. ⁸Estava eu observando esses chifres, quando do meio deles surgiu um outro chifre pequeno. Por causa dele, três dos outros chifres foram arrancados. Nesse chifre havia olhos humanos e uma boca que dizia arrogâncias.

⁹ Eu continuava olhando: tronos foram instalados e um ancião se assentou, vestido de branco igual à neve, cabelos claros como a lã.

Seu trono era uma labareda de fogo com rodas de fogo em brasa.

¹⁰ Corria um rio de fogo, nascido diante dele. Havia milhões a seu serviço, inumerável multidão de pé diante dele. Os juizes se assentaram e os livros foram abertos.

¹¹Eu continuava olhando. No meio do vazio e das arrogâncias que aquele chifre gritava, vi que aquela fera estava sendo morta, seu cadáver despedaçado e atirado ao fogo para queimar. ¹²Quanto às outras feras, seu poder foi retirado, mas foi-lhes concedido um prolongamento da vida até certo tempo e momento.

¹³ Em imagens noturnas tive esta visão: Entre as nuvens do céu vinha alguém semelhante a um filho do homem. Chegou até perto do ancião, foi levado à sua presença.

¹⁴ Foi-lhe dada a soberania, a glória e a realeza.

Todos os povos, nações e línguas hão de servir-lhe.

Seu poder é um poder eterno, que nunca lhe será tirado e sua realeza é tal, que jamais será destruída!

¹⁵Eu, Daniel, senti-me com o espírito perturbado em meu interior. As visões de minha mente deixavam-me apavorado. ¹⁶Aproximei-me de um dos presentes para perguntar o que era mesmo tudo aquilo. E ele falou comigo, dando-me a explicação completa:

¹⁷As quatro feras enormes são quatro reis que surgirão na terra. ¹⁸Os que vão receber a realeza são os santos do Altíssimo. Quando tomarem posse do reino, será para sempre e pelos séculos dos séculos'.

¹⁹Depois eu quis saber da quarta fera, que era diferente das outras, medonha, com enor-

► 7,1-28 As quatro **feras** representam os impérios (nota v. 17s). Mas **da parte de Deus** vem, para dominá-los, **um poder com rosto humano** ("filho do homem"): o reino dos "santos do Altíssimo". • 1^o 7s,1. • 2^o 7s 17,12s. • 3^o 7p 13,1s. • 4^o 7a,13. • 6^o 7z 1,6. • 7^o **dez chifres** = muito poder (trata-se de Alexandre). • 8^o **O chifre pequeno** = Antíoco Epifanes, que se impôs eliminando seus concorrentes. • 9^o 7z 1,26; Ap 4,2s. • 10^o 7p 5,11; Sl 69,29; Ap 20,12. • **inumerável multidão**, lit.: **mil milhares... dez mil vezes dez mil...** • **livros** (= rolos) **foram abertos**: símbolo do julgamento. • 11^o 7p 19,20. • 12^o 7z,21. • 13^o 7Jo 1,51; Ap 1,13; 14,14. • **Filho do homem**: esta figura simbólica, em oposição às feras, vem de junto de Deus. Isto fez com que Jesus fosse chamado "Filho do Homem" no sentido de Messias. • 14^o 7z,44; Mc 24,30q; 26,64p*. • 17s **quatro reis** = quatro impérios: os babilônios, os medos, os persas e, mais poderosos que os precedentes, os gregos (reino de Alexandre Magno), entre os quais surge o arrogante Antíoco Epifanes, contra o qual se revoltará o "povo dos santos do Altíssimo" (= o povo eleito, Israel), com Judas Macabeu; 71-2Mc. • 18^o 7a,14.

mes dentes de ferro e unhas de bronze, que comia, pisava e esmagava o resto com os pés. ²⁰Perguntei também sobre os dez chifres que havia em sua cabeça e daquele outro que foi aparecendo e fazendo cair os outros três que lhe estavam mais próximos e que tinha olhos e boca que proferia arrogâncias, e tinha uma envergadura maior que a das outras feras. ²¹Observando, vi que esse chifre fazia guerra contra os santos e os vencia, ²²até que veio o Ancião para fazer justiça aos santos do Altíssimo. Chegou a hora, e os santos tomaram posse do reino. ²³Ele explicou: "A quarta fera é um quarto reino que vai surgir na terra e que será diferente dos outros reinos. Vai devorar o mundo inteiro e, depois, vai pisar e esmagar. ²⁴Os dez chifres são dez reis que hão de surgir neste reino e depois dele surgirá aquele outro, diferente dos dez primeiros, e que vai demorar três reis. ²⁵Ele proferirá arrogâncias contra o Altíssimo e perseguirá os seus santos. Vai pretender modificar o calendário e a própria lei de Deus. Em suas mãos os fiéis serão entregues por um período e mais dois períodos e mais a metade de um período. ²⁶O tribunal, porém, vai se instalar e retirar o seu poder, ele será destruído e aniquilado até o fim. ²⁷A soberania, o poder e a grandeza de todo o reino que debaixo do céu existe serão entregues ao povo santo do Altíssimo. O seu reino será um reino eterno, e toda autoridade há de venerá-lo e prestar-lhe obediência".

²⁸Aqui termina o assunto. Eu, Daniel, fiquei confuso em meus pensamentos, empalideci e guardei tudo na memória.

VISÕES APOCALÍPTICAS

[Visão do carneiro e do bode]

8 No terceiro ano do reinado de Baltazar, a mim, Daniel, apareceu-me uma visão,

depois daquela anterior. ²Observando bem, vi que estava no castelo de Susa, província de Elam. Eu estava olhando o rio Ulai. ³Dei com os olhos num carneiro postado diante do rio. Tinha chifres altos, mas um era mais alto que o outro, só que esse mais alto tinha crescido depois. ⁴Notei que o carneiro dava chifradas para o ocidente, para o norte e para o sul e nenhum animal lhe podia resistir. Nenhum escapava dele, que ia fazendo o que queria e progredindo sempre. ⁵Eu estava refletindo sobre isso, quando apareceu um bode que vinha do ocidente, sobrevoando o mundo inteiro sem ao menos tocar o chão. Tinha um chifre bem visível, exatamente no meio, entre os olhos. ⁶Ele veio na direção do carneiro de dois chifres, que eu tinha visto diante do rio Ulai, e atirou-se contra ele com toda a fúria. ⁷Eu o vi atacar o carneiro, agredindo-o furiosamente e quebrando-lhe os dois chifres. O carneiro não teve forças para resistir. O bode demorou o carneiro ao chão, pisou-lhe em cima e não houve quem dele livrasse o carneiro. ⁸O bode progrediu muito mais ainda. Mas no auge de sua força, quebrou-se o seu grande chifre e, no lugar dele, brotaram quatro chifres cada um voltado para um lado da terra. ⁹De um desses lados nasceu um chifre pequeno que depois cresceu muito na direção sul, para o oriente e para o lado de nossa terra deliciosa. ¹⁰Cresceu até as alturas do exército do céu e demorou na terra algumas estrelas, parte deste exército, e pisou-lhes em cima. ¹¹Até contra o Comandante desse exército ele quis se engrandecer, pois aboliu o sacrifício permanente, desonrando o Lugar Sagrado. ¹²O exército tomou o lugar do sacrifício permanente pelo pecado e a verdade foi jogada ao chão. Ele executava e tinha êxito.

• **21** ²⁰Ap 13,7. • **24** ²⁰Ap 17,12. • **25** ²¹11,36; Ap 13,5s. • **um período... dois... mais a metade...** = 3 ½ períodos/anos, ou seja, metade de um período completo (= 7). • **28** ²⁸8,18; 10,8. • **na memória:** lit.: *no coração*. ▶ **8,1-27** *Narrativa simbólica sobre Alexandre Magno (o grande bode) e seu sucessor Antíoco Epífanes*. • **1** A data sugere continuidade com o cap. anterior, 7,1. Aqui reconteça o texto em hebraico (nota 2,4). • **3** Os dois *chifres* são os medos e os persas; estes últimos chegaram depois, porém tornaram-se mais poderosos (Ciro). • **5** O *bode* vadear é o reino dos gregos, ou seja, de Alexandre Magno da Macedônia. • **8** Alexandre morreu na flor da vida e seu reino foi dividido em quatro partes entre seus generais (os *diádocos*, também chamados *tetrarcas*), o que ocasionou guerras de sucessão. • **9** ²⁸Ez 20,6. • *chifre pequeno* (7,8): o sucessor oriental de Alexandre, Antíoco Epífanes o sírio, tenta ampliar seu reino para o sul, abocanhando Israel, a "Terra Deliciosa" (Vg/NV confundiram este termo com *fortaleza*). • **10** ²⁸Zc 7,14. • **até as alturas... do céu:** a ambição de Antíoco o põe em rivalidade com Deus e seus militares, os israelitas fiéis. • **11** ²⁸9,27; 11,31. • **Comandante:** Deus mesmo: Antíoco o provocou a abolir o seu culto. • **12** O *exército... sacrifício pelo pecado:* outra trad.: *Por causa do pecado, o exército foi entregue em lugar*

¹³Ouvi um santo que estava falando. Um outro santo disse ao que estava falando: "Quanto tempo vai demorar o que diz esta visão do sacrifício permanente, do sacrifício pelo pecado, o abandono instalado, do Santuário e o Exército sendo pisoados?" ¹⁴Ele respondeu: "Dois mil e trezentos sacrifícios diários, o da tarde e o da manhã. E, então, o Santuário será purificado."

¹⁵Eu, Daniel, estava olhando essa visão e procurando entender, quando, de repente, estava de pé à minha frente a figura de um homem. ¹⁶Ouvi, então, vinda do rio Ulai, uma voz que gritava: "Gabriel, explica a visão para esse aí!" ¹⁷Ele se dirigiu então ao lugar onde eu estava. Quando se aproximou, eu me assustei e prostrei-me, o rosto no chão. Ele disse: "Filho do homem, entende que a visão é para o tempo do fim." ¹⁸Ele falava comigo e eu, assustado, de bruços no chão. Ele tocou em mim e fez-me ficar de pé como estava antes. ¹⁹Depois continuou: "Vou te mostrar o que vai acontecer depois do castigo, pois o fim tem data marcada."

²⁰O carneiro que viste com dois chifres são os reis dos medos e dos persas. ²¹O bode é o rei da Grécia e o chifre enorme que tinha entre os olhos é o primeiro rei. ²²Quebrado este, os quatro chifres que cresceram em seu lugar são os quatro reis da mesma nação que vão substituir este primeiro, mas não com o mesmo poder.

²³E, no final de seu reinado, depois de se completarem seus crimes, há de surgir um rei atrevido e bem esperto nas intrigas. ²⁴Possante será a sua força - com energia que não vem dele-, será um demolidor prodigioso, bem sucedido em tudo o que faz. Vai demolir os poderosos, mas também o povo fiel. ²⁵Por causa de sua esperteza, a desonestidade terá sucesso através dele. Vai se engrandecer aos próprios olhos, destruindo tranquilamente muita gente. Até contra o Chefe dos

chefes vai se colocar, mas, sem ninguém fazer nada, ele será destruído. ²⁶A mensagem anunciada em imagens para demorar tantas tardes e manhãs é verdadeira; tu, porém, farás segredo da visão, porque é coisa para daqui a muito tempo".

²⁷Eu, Daniel, desmaiei e por alguns dias fiquei doente. Depois levantei-me e continuei cuidando dos assuntos do rei. Ainda estava assustado com a visão, sem poder compreendê-la.

[Súplica de Daniel. As setenta semanas]

9¹No primeiro ano do reinado de Dario, filho de Xerxes, da nação dos medos, que se tornou rei dos caldeus, ²no primeiro ano do seu reinado, eu, Daniel, pus-me a estudar o número dos anos que deveriam passar com a cidade de Jerusalém destruída, de acordo com a palavra do Senhor anunciada pelo profeta Jeremias. Eram setenta anos. ³Voltei o olhar para o Senhor Deus procurando fazer preces e súplicas com jejum vestido de saco e coberto de cinza. ⁴Fiz, então, uma oração ao Senhor meu Deus, confessando:

"Ah! Senhor, Deus imenso e terrível, cumpridor da Aliança e do amor fiel para com aqueles que amam e guardam seus mandamentos! ⁵Nós erramos, nós pecamos, nós praticamos a injustiça, desobedeçamos, desviamos-nos dos teus mandamentos e das tuas sentenças. ⁶Não quisemos escutar teus servos, os profetas, que em teu nome falavam a nossos reis e autoridades, a nossos pais e a todos os cidadãos. Do teu lado, Senhor, está o direito, e para nós fica a vergonha que hoje estamos passando, tanto os senhores de Judá, quanto os cidadãos de Jerusalém, Israel em peso, tanto os que estão perto, quanto os que estão longe, por todos esses países por onde os espalhaste por causa dos crimes que contra ti praticaram.

do sacrifício permanente. • 13 ^{12,6s}; Zc 1,9s. • santo = anjo (4,10). • abandono, ou: desolação (cf. 9,27). • Exército: tlv. trocado com o termo significando Lugar Delicioso (nota 8,9). • 14 2.300 sacrifícios (roubados de Deus!), dois por dia = 1.150 dias, um pouco mais de três anos, o tempo entre a profanação do templo por Epifanas (167 aC) e a libertação por Judas Macabeu (164 aC); ^{7,25}. • 16 Gabriel ^{9,21}. • 15 ^{1c} 1,19. • 17a; 10,14-19. • 18 ^{7a} 1,17; Ez 2,1s. • 23 ^{11,21}. • 24 ^{7,18}. • 26 ^{12,4}; Ap 22,6. ▶ 9,1-27 As setenta semanas simbolizam o cumprimento do tempo segundo a palavra de Jeremias acerca do exílio. Os períodos que marcam este cumprimento. • 1 Dario, ^{6,1}. • 2 Jr 25,11s; 29,10 fala de 70 anos para a restauração de Jerusalém (mais ou menos o tempo do exílio babilônico). Dn faz uma releitura: 49 + 434 + 7 anos = 490 anos (modo hebraico de contar, incluindo início e fim) = 70 semanas ou setenta dias, o tempo desde o exílio até a morte de Antíoco Epifanas. • 4-19 ^{3,25-45}; Ne 1,5-11. • 6 ^{7r} 7,25s. • 7 ^{7s} 7,25s

⁸SENHOR, para nós, para nossos reis, nossas autoridades e nossos pais só fica esta vergonha pela qual estamos passando, pois pecamos contra ti. ⁹A ti, Senhor nosso Deus, cabem a misericórdia e o perdão, pois pecamos contra ti. ¹⁰Nós não escutamos a palavra do SENHOR nosso Deus, de modo a caminhar de acordo com as leis que ele nos deu por meio dos seus servos, os profetas. ¹¹Israel inteiro desrespeitou as tuas leis e deixou de obedecer à tua palavra; por isso, caíram sobre nós as maldições e ameaças que estão escritas na Lei de Moisés, servo de Deus, pois pecamos contra ele. ¹²Ele cumpriu as ameaças que tinha feito contra nós e nossos juizes, que faziam julgamentos e proferiam sentenças tão injustas como nunca se fez debaixo do céu, tal e qual se fazia em Jerusalém. ¹³Toda essa desgraça nos veio de acordo com o que está escrito na Lei de Moisés. Nós, porém, não nos esforçamos por agradar o Senhor nosso Deus, arrependendo-nos dos pecados e levando a sério a sua fidelidade. ¹⁴O SENHOR mesmo se encarregou dessa maldição e fez que ela chegasse até nós, pois o SENHOR nosso Deus é um Deus justo em tudo o que faz e nós não quisemos escutar a sua palavra. ¹⁵Agora, Senhor nosso Deus, tu que tiraste teu povo da terra do Egito com mão forte, criando-te a fama que tens hoje, nós pecamos, praticamos a injustiça! ¹⁶Senhor, com toda a tua justiça, volta teu rosto, tempera de Jerusalém, tua cidade, a tua Montanha Santa, pois, por causa de nossos crimes e dos pecados de nossos pais, Jerusalém e teu povo são hoje uma vergonha em todo o redor. ¹⁷Agora, então, Deus nosso, escuta a oração do teu servo, suas súplicas, e, por causa de ti mesmo, faze brilhar tua face sobre o teu Santuário abandonado. ¹⁸Inclina, meu Deus, teu ouvido para escutar, abre os olhos para ver a nuíra nossa e da cidade sobre a qual teu nome foi invocado, pois não é por confiar na nossa justiça e, sim, na tua imensa compaixão que imploramos misericórdia diante de ti. ¹⁹Escuta, Senhor! Perdoa, Senhor! Atende, Senhor, e começa a agir sem demora, por causa de ti

mesmo, meu Deus, pois teu nome foi invocado sobre esta cidade e sobre o teu povo".

²⁰Eu ainda estava falando, fazendo a minha prece, confessando o pecado meu e de Israel meu povo, fazia minha súplica chegar diante do Senhor, meu Deus, na sua Montanha Santa, ²¹sim, eu ainda pronunciava minha oração, quando Gabriel, o homem que eu tinha visto no corego da visão, voando rápido veio para perto de mim. Foi na hora da oração da tarde. ²²Ele chegou e falou comigo assim: "Daniel, vim para ensinar-te uma interpretação: ²³Quando começaste tua oração, surgiu uma mensagem, que eu vim te contar, porque és querido. Presta atenção à mensagem e estuda a visão.

²⁴Setenta semanas foram determinadas em favor do teu povo e da tua cidade santa, a fim de pagar o crime, corrigir o erro, limpar o pecado, até que chegue a justiça eterna, se cumpram a visão e a profecia, e o Santo dos santos seja consagrado.

²⁵Fica sabendo e compreende: desde quando a mensagem apareceu falando de reconstruir Jerusalém até o príncipe ungido sete semanas hão de passar. Em sessenta e duas semanas praças e valos serão reconstruídos, mas em tempos difíceis.

²⁶Após as sessenta e duas semanas, inocente, o ungido será eliminado. O exército do comandante que chega destruirá a cidade e o santuário. O seu fim será numa invasão, numa guerra sem trégua, destruição determinada.

²⁷Ele firmará uma aliança com as autoridades para durar uma semana. E na metade da semana vão parar o sacrifício e a oferta, enquanto de um lado do templo estará a abominação desoladora, até acabar, até cair sobre o Devastador o que para ele está determinado".

9,6-8. • **9**⁹ ⁹Br 1,15-2,26. • **11**¹¹ ¹¹Lv 15,14-39; Dt 28,15-68. • **14**¹⁴ ¹⁴Jr 1,12. • **15**¹⁵ ¹⁵Br 2,11-19. • **15**¹⁵ ¹⁵Dt 6,21; Jr 32,20s. • **16**¹⁶ ¹⁶Sl 103,6. • **18**¹⁸ ¹⁸Zs 19,16. • **24**²⁴ ²⁴Is 53,11; 1Cr 23,13; Ez 45,3; Ex 29,37. • **25** ²⁵príncipe ungido, em grego (Teobaldão) *christós hegenôn*, de orde a trd. latina *christus dux* (Vg/NV). • **26** Provavelmente o assassinato do sacerdote Onias III em 179 aC, por Antíoco Epífanes, ²⁷Zc 4,30-38. • **27**²⁷ ²⁷11,31; 12,11; Mt 24,15; Is 10,22s. • **a abominação desoladora**: a estátua de Zeus-Júpiter introduzida no templo por Antíoco Epífanes, em 167 aC.

[O combate do arcanjo Miguel]

10 ¹No terceiro ano de Ciro como rei da Pérsia, uma mensagem foi revelada a Daniel, chamado Baltassar – mensagem segura e grande luta. Ele entendeu a mensagem e seu entendimento se deu numa visão.

²Naqueles dias eu, Daniel, fiquei de luto por três semanas. ³Nada comi que tivesse algum sabor, carne e vinho não entraram em minha boca, nem usei qualquer tipo de perfume durante três semanas completas.

⁴No dia vinte e quatro do primeiro mês estava eu perto do grande rio, o Tigre, ⁵quando, de repente, dei com os olhos e vi o seguinte: um homem vestido de linho e tendo na cintura um coração de ouro puro. ⁶Seu corpo parecia de pedra preciosa, o rosto era um relâmpago, os olhos, lâmpadas acesas, braços e pernas tinham o brilho do bronze polido. Sua voz parecia o grito de uma multidão. ⁷Só eu, Daniel, enxerguei a visão. Os outros que comigo estavam nada viram, mas, mesmo assim, caiu sobre eles um medo tal que fugiram para se esconder. ⁸Fiquei sozinho observando essa magnífica visão. Não me restavam forças, meu rosto, corado, empalideceu, desapareceu o meu vigor. ⁹Ouvi, então a voz de alguém que falava. Eu estava assustado, já prostrado, o rosto no chão.

¹⁰Misteriosa não tocou-me e fez-me ficar apoiado nos joelhos e nas palmas das mãos.

¹¹Disse-me: "Daniel, homem querido, entende a mensagem que te trago, fica de pé, pois agora fui enviado a ti". E, enquanto ele falava comigo, eu fui me levantando, tremendo.

¹²Ele me disse: "Deixa de medo, Daniel, pois desde o primeiro dia, quando comeceste a meditar e a te humilhar diante de Deus, tuas palavras foram ouvidas, e é por causa delas que eu vim. ¹³Há vinte e um dias que o chefe do reino da Pérsia combate comigo, mas Miguel, um dos primeiros chefes, veio me ajudar. Pois eu o deixei lá, enfrentando o rei da Pérsia ¹⁴e vim explicar-te o que vai accon-

tecer ao teu povo nos últimos dias, pois ainda existe uma visão para estes dias".

¹⁵Enquanto ele falava essas coisas comigo, voltei o rosto para o chão e fiquei mudo. ¹⁶Alguém com a aparência de um ser humano tocou-me os lábios e eu pude abrir a boca. Falei, então, àquele que estava à minha frente: "Senhor, com esta visão eu perdi a cor, minhas forças desapareceram. ¹⁷Como poderia o servo do meu senhor falar, se minhas forças sumiram e até perdi o fôlego?" ¹⁸A tal figura humana tocou-me novamente e recobrei as forças. ¹⁹Ele me disse: "Nada de medo, homem querido! Calma! Coragem! Coragem!" Bastou ele falar e eu me senti mais forte e disse: "Fala, meu Senhor, que me devolveste as forças!"

²⁰E ele, então, disse: "Muito bem! Sabes porque te vim procurar! Agora devo combater contra o chefe do reino da Pérsia. E logo que eu partir para a guerra, o chefe dos gregos há de chegar. ²¹Mas vou anunciar-te o que está escrito no livro da verdade. Ninguém me ajuda na guerra contra eles a não ser Miguel, vosso chefe.

11 ¹Eu, da minha parte, estive ao lado dele, dando-lhe força e ajudando-o, no primeiro ano do rei medo, Dario. ²Agora vou dizer-te a verdade: haverá ainda três reis na Pérsia e mais um quarto rei que será o mais rico de todos eles. E este há de empregar contra o reino da Grécia toda a sua força e riqueza.

[Alexandre e seus sucessores]

³"Depois aparecerá um rei valente, que há de dominar o grande império e fazer o que bem entender. ⁴Assim que ele se estabelecer, porém, seu império será dividido pelos quatro ventos do mundo. Não, porém, entre seus descendentes nem com o mesmo poder com que fora governado, mas será retalhado entre pessoas estranhas.

⁵O rei do sul se tomará poderoso, mas um dos seus generais ficará mais forte do que ele e terá um domínio maior que o dele. ⁶Depois

⁸8,13; 1Mc 1,45. • *Devastador* = o próprio Antíoco. ▶ **10,1-11,2** *As derrotas dos persas contra os gregos* são obra (do anjo) de Deus, que os combate. • **5** ⁸8,15; Ap 1,13-15; Ez 1,27s. • **7** ⁷7e 9,7; 22,9. • **9** ⁸8,18. • **11** ⁹9,23. • **12** ⁷7ed 8,21. • **13** ⁷7c 3,1s; Jd 9; Ap 12,7. • **15** ⁷7,13; Is 6,7; Jr 1,9. • **16** *Alguém... ser humano*: lit.: *uma com semelhança de filhos de homem*. • **18** ⁸8,18. • **19** ⁷7p 1,17. • **20** *chefe dos gregos* = Alexandre Magno. ¹¹1,3. • **C. 11,1** ⁹9,1. • **2** Visão sintetizada das guerras persas contra a Grécia nos séculos 5^a-4^a a.C. ▶ **11,3-20** Dinastias no sul (= Egito) e no norte (= Síria). • **3** ⁷7Mc 1,2-6. • **4** Cf. nota 8,8. • **5** *o rei do sul* = Ptolomeu I, o sucessor de Alexandre no Egito, fundador da dinastia dos lágidas ou ptolomeus. • **6** ²2,43; *seu poder*: tlv. seu descendente. • *o rei do norte*: Seluco I, fundador da dinastia dos

de alguns anos, os dois farão aliança, de modo que a filha do rei do sul irá **se casar com** o rei do norte para confirmar os acordos, mas ela não manterá o poder e seu poder não subsistirá, pois serão entregues ela, sua comitiva, seu filho e aquele que a garantiu por certo tempo. ⁷Surgirá, depois, um broto das mesmas raízes, que se colocará em seu lugar. Ele sairá para a luta até entrar na fortaleza do rei do norte, impor-se a ele e subjugar-lo. ⁸Levará como troféu para o Egito até os seus deuses, suas imagens, objetos preciosos de ouro ou prata. Dominará por alguns anos, livre do rei do norte. ⁹Este de novo tentará invadir o reino do sul, mas será obrigado a voltar para a sua terra. ¹⁰Os filhos do rei do norte, contudo, vão se amarrar, reunir um grande e forte exército, e um deles há de avançar, passando como encheite e voltará a lutar até na própria fortaleza. ¹¹O rei do sul vai se inflamar e sairá para a luta contra ele. O rei do norte terá mobilizado um grande exército, mas toda aquela multidão cairá nas mãos do rei do sul. ¹²Ao derrotar aquela multidão seu coração se encherá de soberba, de modo que, embora tenha derrotado milhares, não alcançará a vitória definitiva. ¹³O rei do norte conseguirá mobilizar um exército mais numeroso que o primeiro e ao final de certo tempo virá com imenso poderio militar e muitos recursos.

¹⁴Naquela ocasião, muitos estarão querendo enfrentar o rei do sul, inclusive alguns indivíduos degenerados do teu povo, que, pensando realizar uma visão, promoverão uma revolta, mas não de fracassar. ¹⁵Virá, então, o rei do norte. Ele levantará uma trincheira e tomará a cidade cercada de muralhas. As forças do sul, nem mesmo a tropa de elite, serão capazes de resistir. Faltarão forças. ¹⁶Após invadir, ele fará o que quiser sem que ninguém lhe resista. Ele se estabelecerá em nossa terra deliciosa e a decisão final estará em suas mãos. ¹⁷Ele vai pretender conquistar todo o reino. Fará um acordo com o rei do sul e lhe dará a filha em casamento pensando destruí-lo, mas não vai adiantar e o reino não será seu. ¹⁸Ele, então, voltará

seu interesse para o lado das ilhas e conquistará muitas delas. Uma autoridade, porém, vai fazê-lo pagar pela sua ousadia sem que ele seja capaz de retrucar. ¹⁹Ele se dirigirá para as fortalezas do seu próprio país, mas há de tropeçar, cair e desaparecer. ²⁰Em seu lugar surgirá outro rei que mandará alguém para cobrar a honra do império, mas em poucos dias será derrotado sem ódio e sem guerra.

[Antíoco Epífanes]

²¹Vai sucedê-lo no poder um homem desprezível, a quem não se atribuem honras de rei, mas ele virá sorrateiramente e, com intrigas, há de alcançar o poder. ²²Forças militares serão varridas da sua frente e eliminadas, inclusive um líder da Aliança. ²³Junto com os que a ele se aliaram praticará traições e, assim, irá crescendo e se fortalecendo apesar de ter pouca gente do seu lado. ²⁴Sorrateiramente irá entrando nas províncias mais ricas, fazendo o que nem seu país nem seus avós fizeram: distribuirá entre os amigos os seus furtos, ganho e lucros. Depois fará planos contra as cidades fortificadas, mas apenas por algum tempo. ²⁵Em seguida, contando com grande exército, porá em ação suas forças e sua ousadia contra o rei do sul. Este se aprontará para a guerra com um exército muito grande e forte, mas não poderá resistir, porque tudo estará travado contra ele. ²⁶Os mais íntimos, os que comem com ele, é que o derrotarão. Seu exército será dizimado, tropas numerosas arrasadas. ²⁷Os dois reis com as cabeças repletas de malícia, sentados à mesma mesa, mentirão um ao outro, mas nenhum dos dois conseguirá coisa alguma porque a hora ainda não chegou. ²⁸O rei do norte voltará para sua terra com muitas riquezas, mas com o pensamento voltado contra a Aliança Sagrada. Depois de fazer o que planejava, voltará para sua terra. ²⁹No tempo marcado voltará a invadir o sul, mas desta vez não será como da primeira. ³⁰Navios romanos virão contra ele que, arredontado, recuará, indignado contra a Aliança Sagrada. Ao voltar,

selêucidas, na Síria (= o norte). • **10** um *deles...* fortaleza: Antíoco III, em 220 a.C. • **15** Tomada de Sicília por Antíoco III, 198 a.C. • **17** 2,43. • **19-21** Em 187 a.C., Antíoco III é morto na Mesopotâmia. Sucede-o seu filho Seleuco IV. ▶ **11,21-45** A visão focaliza seu ponto central: o sucessor de Alexandre, **Antíoco Epífanes**. • **21** 3,23s. O usurpador Antíoco IV rouba o lugar do filho de Seleuco. • **22** um *Líder da Aliança*: o sumo sacerdote Onias III; nota 9,26. • **28** Voltando do Egito (sul) para a Síria (norte), Antíoco Epífanes pilha

novamente dará apoio aos que abandonam a Aliança Sagrada. ³¹Forças militares suas prevalecerão e profanarão o Santuário-fortaleza: abolirão o sacrifício permanente para instalar um ídolo abominável e desolador. ³²Com bajulação desviará os que pervertem a Aliança, mas o grupo dos que têm o conhecimento de Deus se manterá firme e reagirá. ³³Os mais conscientes do grupo esclarecerão a muitos, mas acabarão mortos à espada ou na fogueira ou condenados à prisão ou ao confisco dos bens por algum tempo. ³⁴Quando caírem em desgraça poucos os ajudarão, mas muitos se aproximarão deles para fazer intrigas. ³⁵Alguns dos mais avisados vão tombar, de modo que aconteça o expurgo, a separação, a limpeza que precede o fim, – pois a hora marcada ainda não chegou.

³⁶Este rei fará o que bem entender. Há de se engrandecer e se exaltar acima de todos os deuses, e até contra o Deus dos deuses ele dirá insolências. Terá sucesso até o momento da vingança, pois o que está marcado há de se cumprir. ³⁷Não respeitará nem o deus de seus pais, nem o **deus** favorito das mulheres, nem qualquer outro deus, pois pretenderá ser maior que todos eles. ³⁸No lugar desses ele glorificará a um deus das fortalezas – deus que seus pais jamais conheceram – e vai glorificá-lo com ouro, prata, pedras preciosas e jóias. ³⁹Com esse deus estrangeiro atacará cidades fortificadas e a seus íntimos ele enriquecerá muito, dará poder sobre muitos e repartirá terras como recompensa.

⁴⁰No tempo final, o rei do sul entrará em luta contra o rei do norte, mas este virá sobre ele com carros de guerra, cavalos e navios numerosos, invadindo e atravessando os países como inundações. ⁴¹Invadirá também nossa Terra Deliciosa, e tombarão aos milhares. Só escaparão de suas mãos os edomitas, os moabitas e um resto dos amonitas. ⁴²Trá se apossando de todos os países, nem o Egito escapará

dele. ⁴³Passará a ser dono das riquezas em ouro e prata e de tudo o que houver de mais valioso no Egito. Até os líbios e os etíopes passarão a seguir os seus passos. ⁴⁴Contudo, notícias chegadas do oriente ou do norte virão assustá-lo. Ele se porá em marcha, furioso, com vontade de matar e liquidar muita gente. ⁴⁵Amará as tendas da sua nobre residência entre os dois mares, na deliciosa montanha santa. Aí chegará ao seu fim, sem que ninguém venha ajudá-lo.

[A ressurreição]

12 ¹Naquele dia vai prevalecer Miguel, o grande comandante, sempre de pé ao lado do teu povo. Será hora de grandes apertos, tais como jamais houve, desde que as nações começaram a existir até o tempo atual. Só escapará, então, quem for do teu povo, quem tiver seu nome inscrito no livro. ²A multidão dos que dormem no pó da terra acordará, uns para a vida, outros para a rejeição eterna. ³Os conscientes hão de brilhar como relâmpagos, os que educaram a muitos para a justiça brilharão para sempre como estrelas.

⁴Tu, Daniel, guarda em segredo esta mensagem, deixa lacrado este livro até o tempo final. Muitos hão de lê-lo e ampliar seu conhecimento".

⁵Eu, Daniel, vi também outros dois de pé à beira do rio, um de um lado e o outro do outro. ⁶Perguntei ao homem vestido de linho que estava por cima das águas do rio: "Quanto tempo vai demorar para se cumprirem essas coisas maravilhosas?" "Ouvi, então, o homem vestido de linho, que estava por cima das águas do rio. Ele ergueu a mão direita e a mão esquerda e jurou por Aquele que vive eternamente: "Um tempo, dois tempos e meio: quando terminar a dispersão de forças do povo santo, tudo isso se realizará". ⁸Ouvi, mas não entendi. Disse, então: "Meu senhor, como terminará tudo isso?" "Ele res-

Jerusalém (169 aC). • **31** 8,11s; 9,27; 12,11; Mt 24,15*. • **31** *ídolo abominável e desolador* ou: *abominação da desolação*; nota 9,27. • **33** 12,3. • **36** 7,8.25; 2Ts 2,4; Ap 13,5s. • **37** o *favorito das mulheres* = o deus Tanuz ou Adônis, muito venerado na Síria. • **38** O Zeus (Júpiter) do monte Olimpo, na Grécia. • **39** Política de alijamento e corrupção. • **41** 11,16; 8,9. • **resto**: lendo "sh'rit (BH/NV lê *reshit* = *princípio*)". • **45** Antíoco Epifanes morreu em Elam em 164 aC. ▶ **12,1-13** No "tempo final" *se manifestará a verdade da história*: quando os justos forem reerguidos para a recompensa, e os ímpios, para a rejeição eterna. • **1** 10,13; Ap 12,7; Mt 24,21. • **2** 2Mc 7,9; Is 66,24; Jo 5,29. • **3** 11,33; Pr 4,18; Mt 13,43. • **4** 8,26; Ap 10,4. • **6** 7Ap 10,5s. • **6** *Perguntei*, cf. LXX; BH/NV: *Ele disse*. • **7** 7,25 e nota.

pondeu: "Vai, Daniel. Esta mensagem deve ficar guardada e lacrada até o tempo final. ¹⁰Muitos ainda serão escolhidos, limpos e expurgados, enquanto os maus continuam praticando a injustiça. Os maus nada entenderão, só os conscientes entenderão. ¹¹A partir do dia em que interromperem o sacrifício permanente e instalarem aquele ídolo abominável, hão de passar mil duzentos e noventa dias. ¹²Feliz de quem souber esperar e alcançar os mil trezentos e trinta e cinco dias. ¹³Quanto a ti, segue até o fim. Vais descansar, depois hás de te levantar para receber o teu prêmio no final dos dias".

ANEXOS

[A história de Susana]

13 ¹Havia um homem, de nome Joaquim, que estava residindo na Babilônia. ²Era casado com uma mulher de nome Susana, filha de Helcias, mulher bonita e muito religiosa. ³Seus pais, gente correta como eram, tinham educado a filha na Lei de Moisés. ⁴Joaquim era um homem muito rico e tinha um espaçoso bosque junto à sua casa. Os judeus costumavam reunir-se ali, porque Joaquim era o mais respeitado de todos eles.

⁵Para aquele ano tinham sido nomeados como dirigentes, dois anciãos do povo, dos quais o Senhor disse: "A injustiça brotou na Babilônia, vinda dos anciãos que pareciam governar o povo". ⁶Esses dois freqüentavam a casa de Joaquim, pois era ali que as pessoas iam procurá-los quando tinham alguma coisa a resolver. ⁷Acontecia que, quando o povo ia-se embora, por volta do meio dia, Susana saía para dar umas voltas no bosque do seu marido. ⁸Os dois anciãos todos os dias viam Susana sair para dar seu passeio e assim começaram a cobiçá-la. ⁹Perverteram o pensamento, desviaram o olhar para não enxergarem a Deus do céu, nem se lembrarem dos procedimentos corretos. ¹⁰Estavam os dois totalmente caídos por ela, só que um não

contava ao outro a sua paixão, ¹¹pois tinham vergonha de revelar seus desejos de manter relação com ela. ¹²Todos os dias ficavam esperando ansiosamente pelo momento em que ela passeava. Certo dia disseram um ao outro: ¹³"Vamos para casa que já é hora do almoço!" Saíram e um para cada lado, ¹⁴mas logo em seguida deram meia volta e retornaram juntos ao mesmo lugar. Foram, então, obrigados a contar um ao outro o motivo pelo qual tinham voltado e acabaram confessando sua paixão. A partir daí, combinaram procurar juntos uma boa oportunidade de pegá-la sozinha.

¹⁵Estavam os dois à espreita de uma ocasião oportuna, quando, um dia, ela saiu só com as duas meninas, como nos outros dias, e teve vontade de tomar banho no bosque porque estava fazendo calor. ¹⁶Não havia mais ninguém, a não ser os dois anciãos que estavam escondidos observando Susana. ¹⁷Ela disse às meninas: "Tragam-me sabão e perfumes e fechem o portão do bosque que vou tomar um banho!" ¹⁸Fazendo o que a patroa mandara, as meninas fecharam os portões do bosque e saíram por uma porta lateral, a fim de buscar o que lhes tinha sido mandado, sem notar os dois anciãos, que estavam bem escondidos. ¹⁹Bastou as meninas saírem, os dois anciãos deixaram o esconderijo e foram ao encontro de Susana. ²⁰Disseram-lhe: "Olha! Os portões do bosque estão fechados e ninguém está vendo a gente. Nós estamos te desejando, concorda com a gente: Vamos manter relações!" ²¹Se não concordares, nós acusaremos que um rapaz esteve aqui contigo e que foi por isso que mandaste saírem as meninas." ²²Susana suspirou e disse: "A situação para mim está difícil por todos os lados: Se eu fizer isso aí, estou condenada à morte, se não fizer, sei que não escapo das mãos dos senhores. ²³Mas prefiro dizer não, e cair nas mãos dos senhores, a cometer um pecado contra o Senhor". ²⁴Em seguida ela gritou bem alto, mas os dois anciãos também gritaram contra ela. ²⁵Um dos dois correu e abriu os portões do bosque.

• **10** ^v11,35. • **11s** ^v8,14. • **12** Se 1.260 dias (7,25; 12,7) é o tempo da suspensão dos sacrifícios, os números dos vv. 11 e 12, levante superiores, sugerem um certo lapso de tempo depois da restauração do culto até a era final. • **13** No fim, Vg acr.: *Até aqui, lemos Daniel no texto hebraico. O que segue, até o fim do livro, foi traduzido da versão de Teodócio* (cf. NV). ▶ **13,1-64** *Daniel Intervém*, como diz o seu nome ("juízo de Deus"), para desmascarar a hipocrisia dos anciãos *na própria comunidade judaica*. • **5** ^vJr 23,15; 29,22s. • **15** ^vEx 2,5. • **22** ^vLv 20,10; Dt 22,22; Jo 8,4s.

²⁶O pessoal de casa, ao ouvir os gritos no bosque, veio correndo pela porta lateral, a ver o que tinha acontecido a Susana. ²⁷Os dois anciãos contaram, então, a sua estória. Os empregados ficaram muito envergonhados, porque nunca tinham ouvido falar qualquer coisa desse tipo contra Susana.

²⁸No outro dia, quando o povo se reuniu na casa de seu marido Joaquim, os dois anciãos vieram com a cabeça cheia de planos malvados contra Susana, a fim de condená-la à morte. ²⁹Disseram, pois, na presença do povo: "Mandai chamar Susana, filha de Helcias, esposa de Joaquim!" Mandaram chamá-la. ³⁰Ela veio e com ela vieram também seus pais, seus filhos e todos seus parentes. ³¹Ela era muito delicada e de bonita aparência. ³²Susana estava com o rosto coberto. Aqueles canalhas mandaram tirar-lhe o véu só para poderem inebriar-se com a sua beleza. ³³Os que estavam ao lado dela e todos os que a estavam vendo puseram-se a chorar.

³⁴Os dois anciãos ficaram de pé diante do povo e puseram as mãos sobre a cabeça de Susana. ³⁵Chorando ela olhava para o céu, pois seu coração confiava no Senhor. ³⁶Disseram, pois, os dois anciãos: "Estávamos nós dois passeando pelo bosque, quando veio Susana, acompanhada pelas duas meninas. Logo depois ela fechou os portões do bosque e mandou as meninas se retirarem. ³⁷Foi quando veio ao seu encontro um rapaz, que até então estava escondido, e se deitou com ela. ³⁸Nós estávamos no outro canto do bosque e, ao vermos aquela imoralidade, corremos para o lado deles. ³⁹Vimos os dois agarrados um ao outro, mas não pudemos segurar o rapaz, que era mais forte do que nós. Ele conseguiu abrir o portão e fugir. ⁴⁰A Susana, porém, nós seguramos e perguntamos quem era o tal rapaz, mas ela não o quis dizer. É o que temos a testemunhar". ⁴¹A multidão acreditou neles, pois eram anciãos do povo e, ainda mais, dirigentes. E decidiram condenar Susana à morte.

⁴²Em alta voz, assim exclamou Susana: "Ó Deus eterno, que conheces o que está escondido, que tudo vês antes que aconteça, ⁴³tu sabes muito bem que deram um testemunho

falso contra mim! Vou morrer, mas sem ter feito nada daquilo de que me acusaram."

⁴⁴O Senhor atendeu ao seu clamor: ⁴⁵No momento em que era conduzida para a morte, o Senhor despertou o espírito santo de um jovem rapaz de nome Daniel. ⁴⁶Ele gritou bem alto: "Não tenho nada a ver com a morte dessa mulher, estou inocente!" ⁴⁷O povo inteiro voltou-se para ele dizendo: "Que foi o que você disse?"

⁴⁸De pé no meio deles assim falou Daniel: "Como sois idiotas, israelitas! Sem julgamento e sem formar uma idéia clara acabais de condenar à morte uma mulher israelita! ⁴⁹Voltai para o tribunal! Foi falso o testemunho desses homens contra ela!" ⁵⁰Todo o povo voltou correndo. Os anciãos disseram a Daniel: "Vem sentar-te no nosso meio e explica para nós, pois Deus já te deu maturidade suficiente." ⁵¹Daniel disse: "Colocai os dois um bem distante do outro, que vou julgá-los. ⁵²Depois de terem isolado um do outro, Daniel disse ao primeiro deles: "Ó homem envelhecido na malícia, agora teus pecados vão aparecer, tudo o que já vinhas praticando, ⁵³ao dar sentenças injustas, condenando o inocente e deixando sair livre o culpado, quando a palavra do Senhor é: 'Guidado para não condenar à morte o inocente e o justo!' ⁵⁴Agora, pois, se viste mesmo, dizte abaixo de que árvore viste os dois se entretendo?" Ele respondeu: "Debaixo de uma arceira." ⁵⁵Daniel disse: "Pois mentiste exatamente contra a tua própria cabeça. O anjo de Deus já recebeu a ordem de senzar-te ao meio!". ⁵⁶Depois de mandar embora este, Daniel fez vir o outro. Disse-lhe: "Geração de Canaã, não de Judá! A beleza feminina te desnor-teou, a paixão te fez perder a cabeça. ⁵⁷Era assim que fazíeis com as mulheres de Israel e elas, como medo, se entregavam aos vossos desejos, mas esta filha de Judá resistiu às vossas incoerências! Diz-me, então, debaixo de que árvore apanhaste os dois se entretendo?" Ele respondeu: "Debaixo de um carvalho". ⁵⁸Daniel disse: "Pois acabas de mentir exatamente contra tua cabeça. Com a espada na mão, o anjo de Deus está esperando para cortar-te ao meio e acabar com os dois". ⁶⁰Toda a multidão começou

a aclamar e dar louvores a Deus que salva os que nele confiam.

⁶¹Em seguida todos se levantaram contra os dois anciãos, pois Daniel tinha provado por suas próprias bocas que eles estavam mentindo. Fizeram com eles o que queriam fazer com Susana, ⁶²de acordo com a Lei de Moisés. Foi assim que naquele dia condenaram os dois à morte, salvando uma pessoa inocente. ⁶³Por causa de sua filha Susana, Helcias e sua mulher, juntamente com Joaquim, o marido dela, e todos os parentes louvaram a Deus, já que nada de inocente se encontrou nela. ⁶⁴Daniel, por seu turno, tornou-se grande diante do povo a partir daquele dia.

[A estátua de Bel]

14 ¹Quando o rei Astíages partiu deste mundo para junto dos seus antepassados, Ciro, o persa, assumiu o seu reino.

²Daniel, por seu lado, era companheiro do rei e o mais considerado de seus amigos. ³Os babilônios tinham um ídolo de nome Bel. Com ele gastavam todos os dias doze sacas da melhor farinha de trigo, cinqüenta ovelhas e seis barricas de vinho. ⁴O rei cultuava esse ídolo e todos os dias ia adorá-lo. Daniel, ao contrário, só cultuava o seu Deus. ⁵Um dia o rei lhe perguntou: "Por que não prestas culto ao ídolo Bel?" Daniel respondeu: "Porque não adoro imagens fabricadas, mas só ao Deus vivo, que criou o céu e a terra e tem o domínio sobre todo o vivente." ⁶O rei respondeu: "E não achas que Bel é um deus vivo? Não vês quanta coisa ele come e bebe todos os dias?" Daniel disse, sorrindo: "Não te deixes enganar, ó Rei! Por dentro Bel é de barro, por fora é de bronze e jamais comeu ou bebeu coisa alguma!" ⁸Furioso, o rei chamou os sacerdotes de Bel e disse-lhes: "Se não me disserdes quem devora toda essa comida, eu vos mando matar! ⁹Se me provardes que é Bel quem come tudo isso, então é Daniel quem vai morrer por ter dito uma blasfêmia contra o deus Bel". Daniel concordou com o rei: "Vamos fazer mesmo o que estás dizendo!" Eram setenta os sacerdotes de Bel, sem con-

tar mulheres e crianças. ¹⁰O rei foi com Daniel até o templo de Bel. ¹¹Os sacerdotes do ídolo disseram ao rei: "Nós nos retiramos para fora do templo e tu, ó Rei, mandas depositar lá a comida, deixar o vinho, e depois trancas a porta do templo, lacrando-a com o carimbo do seu anel. ¹²Se ao voltares ao templo no dia seguinte, tu, ó Rei, não encontrares tudo devorado por Bel, nós, então, estaremos dispostos a morrer. Do contrário é Daniel quem deverá morrer, pois terá mentido contra nós". ¹³Estavam com esse rompante, porque tinham feito uma entrada secreta por debaixo da mesa, e era por onde eles sempre entravam para recolher os alimentos.

¹⁴Aconteceu que, depois de eles saírem e de o rei ter mandado colocar os alimentos para o deus Bel, Daniel mandou aos seus empregados que trouxessem cinza e esparramassem em todo o templo à vista apenas do rei. Ao saírem, fecharam a porta, puseram o lacre com o carimbo do rei e foram-se embora. ¹⁵À noite, como de costume, vieram os sacerdotes com suas mulheres e crianças para comer e beber tudo.

¹⁶No outro dia o rei e Daniel madrugaram à porta do templo. ¹⁷O rei perguntou a Daniel: "O lacre está intacto?" Daniel respondeu: "Está perfeito, Majestade!" ¹⁸Logo que as portas se abriram, o rei olhou para a mesa e exclamou: "Tu és grande, ó Bel! Em ti não existe qualquer engodo!" ¹⁹Daniel apenas sorriu e gritou para o rei não entrar ainda. Disse-lhe: "Olha bem para o chão e procura descobrir de quem são essas pegadas!" ²⁰O rei disse: "Estou vendo rastros de homens, de mulheres e de crianças..." ²¹Enraivecido, o rei mandou trazer presos os sacerdotes com suas mulheres e crianças, que tiveram de mostrar-lhe a passagem secreta por onde entravam para comer o que estava na mesa. ²²Em seguida o rei mandou matá-los e entregou o ídolo a Daniel, que o destruiu junto com o próprio templo.

[O dragão]

²³Havia um grande dragão adorado pelos babilônios. ²⁴O rei disse a Daniel: "Não vás

16,3,44. • **61s** Dt 19,16-21. ▶ **14,1-22** Daniel *desmascara o engodo dos sacerdotes* que fazem o povo crer que os ídolos comem o que lhes é sacrificado. • **1** 6,29. • **5** Gn 14,19. • **7** 1s 44,12; Br 6,50. • **8** 2,5. • **16** 6,20. • **22** 6,25; Jr 51,44. ▶ **14,23-42** Daniel demonstra a impotência do dragão. • **23** 3b 15,18s;

me dizer agora que este não seja um deus vivo! Pois, então, adbre-o também!" ²⁵Daniel respondeu: "Só adoro ao Senhor meu Deus, porque é ele o Deus vivo! ²⁶Se Tu, ó Rei, me deres licença, mato este dragão sem espada e sem porrete". – "Pois dou a licença!" respondeu o rei. ²⁷Daniel pegou piche, sebo e crinas, cozinhou tudo junto, fez com aquilo uns bolos que jogou na boca do dragão. Ele engoliu tudo aquilo e se arreventou. Daniel disse, então: "Assim podeis ver o que estáveis cultuando!"

²⁸Quando, porém, os babilônios ouviram falar disso, ficaram indignados e revoltados contra o rei. Começaram a comentar: "O rei virou judeu: quebrou o ídolo Bel, matou o dragão e ainda assassinou os sacerdotes!" ²⁹E foram dizer ao rei: "Entrega-nos Daniel, senão nós te matamos a ti e a toda a tua família!" ³⁰O rei sentiu que era demasiada a pressão que faziam sobre ele e, forçado, entregou-lhes Daniel. ³¹Jogaram Daniel na cova dos leões onde ele ficou seis dias. ³²Havia nessa cova sete leões e, todos os dias, jogavam para eles dois cadáveres e duas ovelhas. Nessa ocasião não lhes deram nada, para que devorassem Daniel.

³³Na Judéia havia o profeta Habacuc. Ele fez um cosido, partiu uns pães numa gamela e ia saindo para a roça, a fim de levar essa comida para os trabalhadores. ³⁴O anjo do Senhor disse a Habacuc: "Leva este almoço que tens aí para Daniel, na Babilônia, na cova dos leões!" ³⁵Habacuc respondeu: "Meu senhor, nunca vi a Babilônia nem conheço esta cova". ³⁶O anjo do Senhor pegou Habacuc pelo alto da cabeça, carregou-o pelos cabelos e, na velocidade do pensamento, colocou-o à beira da cova. ³⁷Habacuc gritou: "Daniel, Daniel! Pega logo esse almoço que o Senhor te mandou!" ³⁸Daniel disse: "Tu te lembraste de mim, ó Deus! Nunca abandonas aqueles que te amam." ³⁹Daniel pegou o almoço e comeu. Imediatamente o anjo do Senhor recolocou Habacuc no mesmo lugar onde estava antes. ⁴⁰No sétimo dia o rei veio chorar a morte de Daniel. Chegou à beira da cova e lá estava Daniel sentado tranquilamente. ⁴¹Exclamou, então, o rei em alta voz: "Tu és grande, ó Senhor, Deus de Daniel! Além de ti não existe outro Deus!" ⁴²O rei mandou retirar Daniel da cova e jogou lá aqueles que pretendiam matá-lo. Foram devorados num instante, na presença do rei.